

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ROSANGELA BARROS DA SILVA

**MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NA FALA DE
ADOLESCENTES ESCOLARES
ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE SOCIAL**

São Cristóvão/SE

2016

ROSANGELA BARROS DA SILVA

**MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NA FALA DE
ADOLESCENTES ESCOLARES
ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Sociolinguística e Dialetoлогия.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

São Cristóvão/SE

2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586e Silva, Rosangela Barros da
Marcadores discursivos interacionais na fala de adolescentes
escolares : acomodação linguística e identidade social / Rosangela
Barros da Silva ; orientadora Raquel Meister Ko. Freitag.– São
Cristóvão, SE, 2016.
88 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2016.

1. Sociolinguística. 2. Análise do discurso. 3. Ajustamento
(Psicologia). 4. Identidade social. I. Freitag, Raquel Meister Ko.,
orient. II. Título.

CDU 81'27

ROSANGELA BARROS DA SILVA

**MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NA FALA DE
ADOLESCENTES ESCOLARES**

ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Sociolinguística e Dialetoлогия.

Dissertação aprovada em 06/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Raquel Meister Ko. Freitag - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski - UFSC
Universidade Federal de Santa Catarina
1^a Examinadora - Externa

Prof.^a Dr.^a GERALDA de Oliveira Santos Lima - UFS
Universidade Federal de Sergipe
2^a Examinadora - Interna

Prof.^a Dr.^a Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno - UFS
Universidade Federal de Sergipe
1^a Suplente - Interna

A Renato Brondi, companheiro e parceiro na vida,
pelo carinho e incansável apoio ao longo do período
de elaboração deste trabalho,

Dedico.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Raquel Meister Ko. Freitag, pelas precisas orientações, incansável dedicação e generosidade intelectual com que me conduziu à concretização deste trabalho.

Às professoras Dr.^a Edair Maria Görski, Dr.^a Geralda de Oliveira Santos Lima e Dr.^a Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno, pelas valiosas contribuições científicas, discussões e sugestões para o aprimoramento da dissertação.

À equipe do Colégio Estadual Atheneu Sergipense pela parceria constante e, de modo especial, aos informantes da amostra do Banco de Dados *Falares Sergipanos* pelo compartilhamento de seu tempo, seus conhecimentos e sua atenção que nos possibilitaram adquirir sólidos subsídios e incrementos para a pesquisa sociolinguística do português brasileiro.

Aos pesquisadores e às pesquisadoras do Grupo de Pesquisa GELINS pelo permanente suporte metodológico e científico que, ao longo do tempo, resultaram também em laços de amizade. Especialmente, à Flávia Regina de Santana Evangelista, pela proatividade e alegria de sempre no auxílio intelectual e de encorajamento, e Valeria Santos Sousa, Rebeca Rodrigues de Santana e Josilene Mendonça, pelas experiências acadêmicas compartilhadas.

À Lorena de Castro, pela parceria contínua, pelas críticas, sugestões e singela amizade.

Aos demais professores e colegas das disciplinas cursadas que durante debates e trocas de conhecimentos contribuíram, todos, para a produção da pesquisa.

Aos meus pais, meus irmãos e à minha irmã pelo constante apoio e incentivo ao meu crescimento científico e intelectual e ao meu querido sobrinho, Ian Gabriel, pela alegria que alimenta a nossa coragem diária.

À família Brondi Barros, por acreditar nesse projeto de vida, pelo amparo e confiança incondicionais que tornaram possível esse percurso que se perfaz.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, minhas gratidões.

RESUMO

Marcadores discursivos são um conjunto de itens linguísticos que funcionam nos domínios cognitivo, expressivo, social e textual, havendo dois aspectos do conhecimento comunicativo intimamente relacionados entre si: o expressivo e o social, que são a capacidade do falante de usar a linguagem para mostrar suas identidades pessoais e sociais, transmitir atitudes, executar ações e negociar relações entre o eu e o outro (SCHIFFRIN, 2001). Marcadores discursivos interacionais emergem na fala em interação e uma de suas funções é atrair para si a, ou aproximar-se da, atenção do interlocutor, mantendo a interação falante/ouvinte no processo do discurso. Nessa perspectiva e à luz da Teoria da Acomodação (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991) e *Audience Design* (BELL, 1984), busca-se analisar como o falante ajusta seu comportamento linguístico durante a interação e faz uso de estratégias discursivas para controlar diferenças, se aproximar ou se afastar do seu ouvinte e alternar seu estilo de fala para obter a aprovação dos participantes da interação. Esta pesquisa analisa os marcadores discursivos interacionais de natureza verbal **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, a partir da observação da fala em interação de adolescentes escolares na comunidade de fala do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, tendo-se em conta que em uma comunidade escolar o universo social é culturalmente compartilhado entre seus membros que, em maior ou menor grau de participação, compartilham necessidades comunicativas, além de estruturas lexicais e semânticas. As amostras utilizadas nesta pesquisa integram o banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013). A partir dessa proposta, investiga-se: (i) os usos, as funções e a distribuição de frequências dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**; (ii) a relação desses marcadores discursivos interacionais no processo de acomodação linguística e, (iii) os usos desses marcadores discursivos como traços de identidade social. Investigações do *corpus* apontam que as especificidades das variações linguísticas decorrem da relação social entre os falantes, da natureza da comunidade de fala e do compartilhamento do contexto discursivo e social, onde o falante se reconhece como membro de um grupo e ajusta seu comportamento linguístico, de acordo com suas metas e objetivos, para expressar suas atitudes e crenças.

Palavras-chave: Marcadores discursivos interacionais. *Audience Design*. Teoria da acomodação. Identidade social.

ABSTRACT

Discursive markers are a set of linguistic items that work in the cognitive, expressive, social, and textual domains, with two aspects of communicative knowledge closely related to one another: the expressive and the social, which are the speaker's ability to use language to show his personal and social identities, to convey attitudes and perform actions, and to negotiate relationships between self and other (SCHIFFRIN, 2001). Interactional discourse markers arising from speech in interaction and one of its functions is to attract for itself the or to draw closer to the attention of the interlocutor, maintaining the speaker/listener interaction in the discourse process. In this perspective and in the light of the Accommodation Theory (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991) and Audience Design (BELL, 1984), the aim is to analyze how the speakers adjust their linguistic behavior during the interaction and makes use of discursive strategies to control differences, to approach or to move away from their listeners, and shift the speech style to get approval from the participants in the interaction. This research analyzes the interactional discourse markers of verbal nature **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** [you understand?, you know?, you see?], from the observation of the speech in the interaction of young students in the State College Atheneu Sergipense speech community, taking into account that in a school community the social universe is culturally shared among its members that, to greater or lesser extent of participation, share communicative needs, as well as lexical and semantic structures. The samples used in this study are part of the Falaes Sergipanos database (FREITAG, 2013). From this proposal, we investigate: (i) the uses, the functions and the distribution of frequencies of interactional discourse markers **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** [you understand?, you know?, you see?] (ii) the relation of these interactional discourse markers in the process of linguistic accommodation and, (iii) the uses of these discursive markers as traces of social identity. The corpus investigations in this study point out that the specificities of linguistic variations arise from the social relation between the speakers, the nature of the speech community and the sharing of the discursive and social context, where the speaker recognizes himself as a member of a group and adjusts his linguistic behavior, according to their goals and objectives, to express their attitudes and beliefs.

Keywords: Interactional discourse markers. Audience Design. Accommodation Theory. Social identity.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS, LÍNGUA E INTERAÇÃO .. | 18 |
| 1.1 ABORDAGENS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS | 18 |
| 1.1.1 Percurso dos estudos sobre marcadores discursivos do português brasileiro.. | 20 |
| 1.1.2 Marcadores discursivos interacionais | 24 |
| 1.2 LÍNGUA EM USO E A DIVERSIDADE DA FALA | 27 |
| 1.3 FALA E INTERAÇÃO SOCIAL | 30 |
| 2 ESTILO, IDENTIDADE E ACOMODAÇÃO NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 35 |
| 2.1 ESTILO | 35 |
| 2.2 IDENTIDADE SOCIAL | 36 |
| 2.3 TEORIA DA ACOMODAÇÃO | 38 |
| 3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ALTERNÂNCIA DE ESTILO..... | 41 |
| 3.1 ALTERNÂNCIA DE ESTILO | 41 |
| 3.2 ATENÇÃO À FALA..... | 42 |
| 3.3 <i>SPEAKER DESIGN</i> | 43 |
| 3.4 <i>AUDIENCE DESIGN</i> | 43 |
| 3.5 ESTILO DE FALA, MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS E IDENTIDADE SOCIAL | 48 |
| 4 METODOLOGIA, <i>CORPUS</i> E ANÁLISE | 52 |
| 5 A MULTIFUNCIONALIDADE DOS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS ENTENDEU?, SABE? E VIU? NAS INTERAÇÕES | 57 |
| 5.1 FREQUÊNCIAS DE USO DE ENTENDEU?, SABE? E VIU? EM RELAÇÃO ÀS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO | 60 |
| 5.2 FREQUÊNCIAS POR TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA E TÓPICO DISCURSIVO..... | 62 |
| 5.2.1 Distribuição de frequências por tipo de sequência discursiva | 62 |
| 5.2.2 Distribuição de frequências por tipo de tópico discursivo..... | 66 |
| 5.3 DISTRIBUIÇÃO DE ENTENDEU?, SABE? E VIU? QUANTO AO GRAU DE PROXIMIDADE/DISTANCIAMENTO..... | 71 |
| 5.4 PROJEÇÕES DE ENTENDEU?, SABE? E VIU? NA ACOMODAÇÃO DA FALA | 73 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 78 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 81 |

LISTA DE QUADROS, FIGURAS, GRÁFICOS E GRAFOS

| | |
|--|----|
| Quadro 1. Subconjunto dos marcadores discursivos basicamente orientadores da interação ... | 25 |
| Quadro 2. Dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala | 40 |
| Quadro 3. Contextos de emergência dos marcadores discursivos interacionais entendeu? , sabe? e viu? | 54 |
| Quadro 4. Quadro de tópicos discursivos e temas abordados nos tópicos | 66 |
| Figura 1. Derivação de variação intrafalante a partir de variação interfalante..... | 47 |
| Gráfico 1. Frequência dos marcadores discursivos interacionais entendeu? , sabe? e viu? em relação aos aspectos multifuncionais..... | 59 |
| Gráfico 2. Frequência dos marcadores discursivos interacionais entendeu? , sabe? e viu? em relação às variáveis sociais sexo/gênero por tipo de interação..... | 61 |
| Gráfico 3. Distribuição de frequências dos marcadores discursivos interacionais entendeu? , sabe? e viu? por tipo de sequência discursiva | 64 |
| Gráfico 4. Distribuição de frequências dos marcadores discursivos interacionais entendeu? , sabe? e viu? por tipo de tópico discursivo..... | 67 |
| Gráfico 5. Distribuição geral do marcador discursivo interacional entendeu? quanto ao grau de proximidade /distanciamento | 71 |
| Gráfico 6. Distribuição geral dos marcadores discursivos interacionais sabe? e viu? quanto ao grau de proximidade /distanciamento | 72 |
| Grafo 1. Projeções de entendeu? na relação entre ocorrências e conjunto de interações..... | 74 |
| Grafo 2. Projeções de sabe? na relação entre ocorrências e conjunto de interações..... | 75 |
| Grafo 3. Projeções de viu? na relação entre ocorrências e conjunto de interações..... | 75 |
| Grafo 4. Projeção geral de entendeu? , sabe? e viu? na relação entre ocorrências e conjunto de interações | 76 |

ABREVIATURAS

MD Marcador Discursivo

MDI Marcador Discursivo Interacional

MDIs Marcadores Discursivos Interacionais

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga o uso de marcadores discursivos interacionais de natureza verbal **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, a partir da observação da fala em interação de adolescentes escolares na comunidade de fala do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, localizado na cidade de Aracaju, estado de Sergipe. A análise é baseada no levantamento dos usos e da frequência desses marcadores discursivos de base interacional e nas abordagens de Schiffrin (2001), que define marcadores discursivos como um conjunto de itens linguísticos que funcionam nos domínios cognitivo, expressivo, social e textual, havendo dois aspectos do conhecimento comunicativo intimamente relacionados entre si: o expressivo e o social, que são a capacidade do falante de usar a linguagem para mostrar suas identidades pessoais e sociais, transmitir atitudes, executar ações e negociar relações entre o eu e o outro (SCHIFFRIN, 2001, p. 54).

Ao observar os usos dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na fala em interação de adolescentes escolares, e com base na Teoria da Acomodação, proposta Giles, Coupland e Coupland (1991), e da *Audience Design*, de Bell (1984), verifica-se como o falante ajusta sua fala durante a interação e faz uso de estratégias discursivas para controlar as diferenças entre falante e ouvinte, para se aproximar ou se afastar do seu interlocutor e alternar seu estilo de fala para obter a aprovação do outro.

Pesquisas em uma variedade de idiomas estrangeiros sobre o uso de marcadores discursivos como indícios de acomodação linguística e identidade têm apresentado um produtivo campo de estudos, incluindo, dentre outros, os trabalhos de Schokkin (2009), que analisa os marcadores discursivos *maar* e *toch* de adolescentes turcos, marroquinos e holandeses em Amsterdam; os trabalhos de Vine e Marsden (2016), que pesquisam a variação no uso de *eh* no discurso de falantes Maori das Ilhas Cook Maori e Pakeha, Nova Zelândia; e estudos sobre valores socioindexicais de marcadores ingleses e escoceses em regiões fronteiriças, realizados por Watt, Llamas e Johnson (2010).

Com relação aos marcadores discursivos de natureza verbal do português brasileiro, substanciais pesquisas nas áreas dos estudos linguísticos e sociolinguísticos têm-se desenvolvido ao longo dos anos (URBANO, 1999; MACEDO; SILVA, 1996; CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; FREITAG, 2001; 2007b; RISSO; SILVA; URBANO, 2002; VOTRE; MARTELOTTA, 1998; GÖRSKI; FREITAG, 2005; FREITAG, 2008; TRAPP: 2014; VALLE, 2001; 2014). Em estudos sobre o comportamento dos marcadores discursivos como **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** (MACEDO; SILVA, 1996; FREITAG, 2008; VALLE, 2001;

2014), esses elementos linguísticos são classificados como “requisitos de apoio discursivos” que se caracterizam por desempenhar funções relacionadas à organização da fala, atuando nos planos interpessoal, interpessoal e textual e rítmico e funções de interlocução e teste da atenção do ouvinte (FREITAG, 2007; 2009).

Uma abordagem sociolinguística variacionista concentra seus estudos na língua em uso, observando como fenômenos linguísticos são manifestados por um grupo, ou falante, e como ela varia estruturalmente dentro de uma comunidade de fala, sendo que o meio empírico de comprovar a teoria é por meio da análise quantitativa. Lidando com fatores e variáveis sociais como sexo/gênero, idade e classe social, e sua interrelação com línguas e dialetos, questões associadas às variações e mudanças nas línguas convergem para observar como uma dada pessoa, ou grupo, usa uma língua específica em um determinado domínio social, tratando do “estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p.216).

Associada a estudos de aspectos sociais da diversidade e da variação linguística, e como as variações linguísticas estão relacionadas com as diferentes estruturas sociais e linguísticas em uma determinada comunidade de fala, a pesquisa sociolinguística propõe-se a olhar o processo de desenvolvimento de fenômenos linguísticos e suas estruturas em uma base social mais ampla, tendo em conta “a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária” (LABOV, 2008, p. 216).

Nessa sequência, as interações sociais na vida cotidiana do indivíduo, tais como, em casa, no trabalho, na escola, na igreja e nos espaços de lazer são processos que implicam uma coconstrução¹, isto é, uma "criação conjunta de uma forma, interpretação, postura, ação, atividade, identidade, instituição, habilidade, ideologia, emoção ou outra realidade culturalmente significativa²” (JACOBY; OCHS, 1995, p.171, tradução minha). Por meio dessa construção conjunta, o falante estrutura sua língua para expressar ideias e conceitos, escolhe de que maneira ele vai expressar essas ideias e determina quais as formas linguísticas são empregadas para expressar seus pensamentos através da fala.

¹ O termo coconstrução, e seu adjetivo coconstruído(a), utilizados nesta pesquisa, são consoantes ao de Jacoby e Ochs (1995, p.171), em que o “prefixo co-, em coconstrução, destina-se a abranger uma gama de processos interacionais, incluindo, colaboração, cooperação e coordenação. Todavia, coconstrução não, necessariamente, implica interações afiliativas ou aprovativas. Um argumento, por exemplo, no qual as partes expressam desacordo, é, mesmo assim, coconstruído”.

² “The joint creation of a form, interpretation, stance, action, activity, identity, institution, skill, ideology, emotion or other culturally meaningful reality”.

Assentada em uma abordagem voltada para a acomodação da fala e identidade social, pelo viés da Sociolinguística, esta pesquisa apresenta um caráter inovador na busca de uma investigação baseada no campo da acomodação linguística e os estudos de marcadores discursivos do português brasileiro **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** e, assume a hipótese de que o falante alterna seu estilo de fala, pela escolha de uso de um ou outro marcador discursivo interacional, conforme os tipos de sequência discursiva, os tipos de tópicos discursivos, os tipos de audiência envolvidos nas interações e usa estratégias discursivas da sua própria variedade linguística para construir significado nas relações sociais e imprimir identidades sociais.

No excerto (1) a seguir, por exemplo, o tópico discursivo e a sequência discursiva, respectivamente, são relacionados no nível do discurso para conectar a opinião e a avaliação dos falantes e o marcador discursivo interacional **entendeu?**; nesse caso, o elemento não atua como par adjacente de pergunta e resposta. Na interação entre Otávio e Danilo, os falantes articulam o uso desse marcador discursivo interacional conforme os argumentos vão se desenvolvendo na sequência discursiva e no tópico e as posições e crenças dos falantes vão se desvelando.

(1) OTÁVIO: *concordo claro, claro que eu concordo **entendeu?** antigamente quando não existia o bolsa família muitas pessoas ficavam sem ter nem o que comer, sem ter nem o que dar para os seus filhos **entendeu?** tem que dividir aquele pedacinho de pão que elas encontram na lixeira e com a criação do bolsa família não tá dando cada vez mais oportunidade oportunidade não tá dando mais mais mais chances **entendeu?** de a pessoa não passar fome.*

DANILO: *da ajuda né?*

OTÁVIO: *ajuda cada vez mais.*

DANILO: *e aí em relação tipo no ENEM particularmente eu fiquei muito ansioso fiquei muito nervoso mesmo comecei a tremer antes da prova ali como a gente tá cursando o ensino médio o terceiro ano ali o ENEM para gente é como se fosse a entrada ou a saída vamos dizer assim a entrada na universidade ou a não entrada na universidade tudo depende daquela prova principalmente da sua execução que você vai fazer aquela prova tudo depende daquilo você na hora do ENEM você ficou nervoso? qual foi as suas emoções durante o ENEM?*

OTÁVIO: *eu fiquei um pouco nervoso ao fazer a prova do ENEM é porque eu me preparei muito para essa oportunidade **entendeu?** e fiquei muito nervoso e acredito que fiz uma boa prova e espero que abram cada vez*

*mais portas para trabalhar para estudar mais e no futuro abrirão outras portas para emprego.*³ (2015, MM, 17-17, U, P)

Com a finalidade de manter consistência terminológica e conceitual nesta pesquisa, o termo “discurso” é empregado de acordo com as acepções descritas por Schiffrin (1994, p. 38), em que discurso é o uso da língua além da sentença, que ocorre em qualquer contexto, em qualquer forma e pressupõe ampla relevância da linguagem para significados, atividades e sistemas externos, entendido, também, como uma forma de falar culturalmente e socialmente organizada e, em equivalência com a Sociolinguística variacionista, onde “discurso”, conforme Görski e Valle (2016), “refere-se tanto à organização da linguagem, acima da sentença, remetendo à ideia de texto/e ou pode remeter ao uso linguístico na interação, envolvendo também aspectos pragmáticos” (GÖRSKI; VALLE, 2016, p. 81).

A palavra “discursivo(a)” relaciona-se a processos e fenômenos que ocorrem no nível do discurso, portanto, o termo tópico discursivo se refere “àquilo sobre o que se está falando, sem compromisso com uma orientação de base cognitiva ou textual-interativa” (FREITAG, 2014, p. 136). A sequência discursiva é considerada um “trecho” de um gênero maior da entrevista sociolinguística (FREITAG, 2014, p.129) e, para fins desta pesquisa, as sequências discursivas foram segmentadas em: Argumentação, Dialogal, Narração e Pergunta.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o conceito de marcadores discursivos é o proposto por Schiffrin (2001, p.54) que, de acordo com a autora, há dois aspectos do conhecimento comunicativo intimamente relacionados entre si: o expressivo e o social, que são a capacidade do falante de usar a linguagem para mostrar suas identidades pessoais e sociais, para transmitir atitudes e executar ações e para negociar relações entre o eu e o outro.

As contribuições dos trabalhos de Deborah Schiffrin (1994; 2001) para com a presente pesquisa estão relacionadas tanto às abordagens do discurso, que assumem o significado comunicativo como coconstruído pela interação falante/ouvinte e conjuntamente reconhecido na interação, como aos subsídios teóricos sobre marcadores discursivos que, segunda a autora,

³ Os dados são da amostra do banco de dados Falares Sergipanos, constituído de uma base de dados linguísticos ampla da variedade de português do Estado de Sergipe. Seguindo duas linhas de coleta – a de comunidades de fala (estratificação homogeneizada) e a de comunidades de práticas (relações sociopessoais), abrange as perspectivas sociolinguística (dados sincrônicos) e histórica (dados diacrônicos) e tem como objetivo dar subsídios à investigação de variedades linguísticas do português em diferentes níveis (do morfofonológico ao discursivo) e com diferentes propósitos (dos descritivos aos moldes sociolinguísticos às aplicações educacionais, subsidiando programas de ensino de língua materna). (FREITAG, 2013, p.156-157). Neste trabalho, os nomes adotados são fictícios para a preservação da identidade dos falantes. 2015 indica o ano da coleta da amostra. MM significa interação Masculino x Masculino. FF = interação Feminino x Feminino. MF = interação Masculino x Feminino e FM = interação Feminino x Masculino. 17-17= idade dos falantes. U indica que o falante é residente da zona Urbana. P e D indicam o grau de proximidade dos falantes, ou seja, P = Próximo e D = Distante.

não dizem respeito somente a propriedades linguísticas (significados semânticos e pragmáticos, origens, funções) de um conjunto de expressões frequentemente utilizadas, à organização das interações sociais e às situações em que são usadas, mas, também, sobre as expressões cognitiva, expressiva, social e textual daqueles que os utilizam, concluindo que a multifuncionalidade é uma das principais características definidoras dos marcadores discursivos (SCHIFFRIN, 2001, p.67).

A partir disso, o interesse acerca do estudo dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** desta pesquisa prosseguiu para caminhar em uma nova direção sob o viés da acomodação da fala na interação falante/ouvinte e os efeitos resultantes desse processo. Ancorada nos pressupostos da Teoria da Acomodação de Giles, Coupland e Coupland (1991) e *Audience Design*, de Bell (1984), investiga-se:

- (i) a frequência de uso e a multifuncionalidade dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**;
- (ii) os efeitos resultantes da variação linguística de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** no processo de acomodação linguística e,
- (iii) os usos desses marcadores discursivos como traços de identidade social.

O *corpus* analisado é constituído por 30 amostras de interações, 13 falantes com idade entre 15 e 17 anos, do sexo masculino e feminino, alunos do ensino médio do Colégio Estadual Atheneu Sergipense e os dados fazem parte da amostra do banco de dados *Falares Sergipanos*. Importantes estudos sociolinguísticos estão vinculados a esse banco de dados (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014; FREITAG; SANTANA; ANDRADE; SOUSA, 2016; NASCIMENTO; MENDONÇA; AGUIAR; SILVA, 2016; MENDONÇA; FREITAG, 2016; SOUZA, 2016, dentre outros).

Análises quantitativas e distribucionais dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** foram realizadas para verificar a frequência desses MDIs quanto a aspectos multifuncionais, à frequência de uso dos MDIs em relação às variáveis sociais sexo/gênero nas interações, observar traços de identidade e mudanças de estilo de fala na relação de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de sequência discursiva, por tipo de tópico discursivo e analisar a projeção desses MDIs nos processos de convergência e divergência quanto ao grau de proximidade/distanciamento dos falantes na interação. A amostra de dados permitiu análise qualitativa com embasamento teórico nos pressupostos da Teoria da Acomodação de Giles, Coupland e Coupland (1991) e *Audience Design*, de Bell (1984; 2001).

A divisão deste trabalho dá-se da seguinte forma: A *Introdução* apresenta objetivos, hipótese e pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa. A seção 1: *Marcadores discursivos interacionais, língua e interação* apresenta o percurso dos estudos sobre os marcadores discursivos do português brasileiro e aborda aspectos sobre língua em uso, diversidade da fala e interação social. Ainda nessa seção, os marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** são delimitados como objetos de estudo desta pesquisa. A seção 2: *Estilo, identidade e acomodação na variação linguística* discorre sobre os pressupostos teóricos da identidade social e da acomodação da fala e a relação dos comportamentos associados às atitudes, valores e crenças do indivíduo e suas relações interpessoais e intergrupais. A seção 3: *Variação linguística e alternância de estilo* apresenta as variáveis estilísticas de Estilo como Atenção à fala, *Speaker Design* e *Audience Design* relacionadas ao processo de acomodação linguística e, o uso dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** como traços de identidade. A seção 4: *Metodologia, corpus e análise* apresenta os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, o *corpus* e os critérios de análise considerados. A seção 5: *A multifuncionalidade dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** nas interações* expõe as análises dos aspectos multifuncionais dos MDIs, da frequência de uso, dos tipos de sequência discursiva e tópicos discursivos, da distribuição dos MDIs quanto ao grau de proximidade/distanciamento dos falantes na rede de interações, das projeções dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** no conjunto de interações e, os resultados obtidos. Por fim, em *Considerações finais*, as expectativas gerais relacionadas a esta investigação.

1 MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS, LÍNGUA E INTERAÇÃO

O estudo da linguagem na sociedade, ou mais precisamente, o estudo dos aspectos sociais da diversidade e da variação da língua, à luz da Sociolinguística, pressupõe que fatos linguísticos têm, além de significado social, também significado referencial (COUPLAND, 2001). A variabilidade de uma língua está relacionada, também, a outros elementos da interação, como o contexto, o tópico discursivo e/ou a sequência discursiva que podem influenciar nos comportamentos linguísticos durante o curso de uma interação, refletindo nas escolhas e alternâncias de estilo de cada falante. Esta seção mostra, a princípio, uma visão geral de abordagens teóricas relacionadas à língua principalmente, a língua como interação social, ampliando-se para a relação com a produção do discurso e a interação social e, por fim, aborda os pressupostos teóricos dos marcadores discursivos e marcadores discursivos interacionais relevantes para o presente estudo.

1.1 ABORDAGENS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS

Um importante conjunto de estudos sobre marcadores discursivos do Português Brasileiro têm-se desenvolvido continuamente no Brasil nas últimas décadas (RISSO; SILVA; URBANO, 2002; RISSO, 2002; SILVA, 1999; URBANO, 1999)⁴. Os resultados dessas pesquisas produziram abordagens e tratamentos teóricos distintos para a análise de traços, características, singularidades e especificidades de construção e funcionamento desse amplo grupo de fenômenos linguísticos. Antes de partirmos para as concepções e especificidades mais recentes relacionadas a marcadores discursivos, as quais serão abordadas mais adiante nesta pesquisa, discutiremos sobre o percurso de estudos anteriores dos MDs desenvolvidos no Brasil, devido à importância daqueles para com o progresso da ciência da linguagem no país.

Isso em mente, o objeto de estudo desta pesquisa delimita-se sobre marcadores discursivos de base interacional, doravante Marcadores Discursivos Interacionais (MDIs), **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**. A escolha desses elementos linguísticos deu-se pela seleção dos marcadores discursivos de base interacional que foram mais produtivos na amostra de dados e que podem ser considerados intercambiáveis, já que constituem-se de variantes de uma

⁴ Os autores e seus respectivos trabalhos aqui referenciados são parte integrante da *Gramática do português falado*, projeto que resultou em uma bibliografia de referência para os estudos da gramática do português falado no Brasil.

mesma variável linguística de natureza verbal. No campo da sociolinguística variacionista, segundo Görski e Valle (2016):

O termo *variação* remete ao processo pelo qual duas ou mais formas linguísticas podem ocorrer com o mesmo valor representacional, ou significado referencial. Essas formas intercambiáveis (variantes) constituem uma *variável*, ou seja, um fenômeno linguístico em variação. Ocorre que o termo *variável*, além de designar o objeto de estudo – também chamado de variável dependente em análises estatísticas – designa ainda os contextos em que se dá a variação – também chamados de *variáveis independentes*, fatores que condicionam a escolha dos falantes entre uma ou outra variante. (GÖRSKI; VALLE, 2016, grifo do autor, p.80-81)

Com relação ao significado referencial, Görski e Valle (2016, p.80) destacam que Labov (2008 [1972]) “prevê também a possibilidade de se incluir no estudo de variação situações em que há significados alternativos para uma mesma forma”. No caso de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, analisados nesta pesquisa, como elementos linguísticos basicamente interacionais, essas variantes apresentam multifuncionalidades, tais como buscar a atenção do interlocutor, testar a abertura do evento de comunicação, manter a interação falante/ouvinte e dar apoio ao planejamento e à manutenção da fala, através das relações linguísticas e extralinguísticas existentes na interação (URBANO, 1999; MARCUSCHI, 1989; MACEDO; SILVA, 1996; GORSKI *et al.*, 2003; VALLE, 2014).

A partir da investigação da multifuncionalidade desses marcadores discursivos interacionais, essa pesquisa se desenvolve analisando os MDIs em uma relação entre língua e sociedade, atentando-se às questões de estilo de fala, como os falantes alternam seus modos de falar em relação ao ouvinte ou à sua audiência e observando traços de identidade social.

Marcadores discursivos, em linhas gerais, são itens linguísticos provenientes de outras categorias gramaticais, decorrentes do processo da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HOPPER, 1998; 1991; TRAUGOTT, 1995), tais como formas verbais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**. Elizabet C. Traugott (1995, p.2, tradução minha) define que a “gramaticalização é o processo pelo qual o item lexical em contextos morfossintáticos e pragmáticos altamente restritos torna-se gramatical”⁵, sendo, portanto, uma indicação unidirecional na medida em que prevê que o item gramatical não se tornará lexical.

Segundo Traugott (1995, p.2), argumentos à luz da gramaticalização também têm apresentado que os significados tendem a mudar para uma maior subjetividade, ou seja, os

⁵ “Grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical”.

significados se tornam cada vez mais associados com a atitude do falante, especialmente a atitude metatextual em direção ao fluxo do discurso. Sobre esse processo, Martelotta, Votre e Cezario (1996, p.6) assinalam que a gramaticalização “leva um item lexical ou construção sintática a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas”.

Embora marcadores discursivos estejam relacionados ao processo de gramaticalização, esta pesquisa está ancorada em uma abordagem articulada à Sociolinguística, sob o viés da acomodação da fala e, por essa razão, não se aprofundará na relação entre a gramaticalização e os marcadores discursivos. Todavia, importantes estudos sobre o processo de gramaticalização de fenômenos do português brasileiro, sob o viés da gramaticalização (CASTILHO, 1997; BALOCCO; DORICO, 1999; VOTRE, 1999; DAL MAGO, 2001; FREITAG, 2009; 2003; GÖRSKI, 2003; 2002; LOPES-DAMASIO, 2008; MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 2004; VALLE, 2014), são aqui indicados.

1.1.1 Percurso dos estudos sobre marcadores discursivos do português brasileiro

Com o propósito de apresentar estudos sobre marcadores discursivos do português brasileiro, esta seção mostra o desenvolvimento de trabalhos de Mercedes Sanfelice Risso (1999), Gisele Machline de O. Silva (1999), Hudinilson Urbano (1999) e de Risso, Silva e Urbano (2002), exemplificando esses trabalhos com amostras do banco de dados desta pesquisa. Em seguida, são apresentadas pesquisas mais recentes sobre marcadores discursivos do português brasileiro.

Para o início da seção, em estudos de Risso (1999), a autora aborda as funções textuais-interativas dos marcadores discursivos como uma condição de marcador discursivo prototípico, ou próximo da prototipicidade das formas. Essa condição apresenta particularidades articulatório-interacionais assumidas no interior do texto, sinalizando diferentes instâncias de abertura na organização textual da informação. Nesse processo, determinados itens lexicais servem de base na formação do marcador discursivo, tais como, expressões homônimas de formato categorial, por exemplo, no caso dos marcadores discursivos de abertura *Bom* (adjetivo), *Bem* (advérbio), *Olha* (verbo) e *Ah* (interjeição).

No excerto (2), o marcador discursivo *olha* apresenta uma mudança na sua natureza de forma de verbo perceptivo e passa a apresentar aspecto de elemento discursivo com função de

abertura e articulação do turno da fala, na forma imperativa para endereçamento e articulação do discurso entre os falantes.

- (2) LÚCIO: *que horas mais ou menos meio dia?*
 OTÁVIO: *rapaz foi lá pra umas duas e meia foi por aí hum é quando acabar aqui as aulas você vai ter férias óbvio né?*
 LÚCIO: *hum hum.*
 OTÁVIO: *você vai viajar muito vai conhecer outros lugares?*
 LÚCIO: *olha ainda num sei mas eu pretendo viajar muito a maioria das viagens que eu faço é pra num é pra fora do meu estado.*
 OTÁVIO: *certo. (2015, MM, 17-16, U, D)*

Nesse funcionamento de organização textual e interativa, as nuances individuais e a acomodação de traços semânticos sinalizam as relações dentro do espaço discursivo, onde estruturas linguísticas apresentam implicações sequenciais e interacionais. Esses marcadores discursivos apresentam natureza fática e de monitoramento com a função de manter aberto o canal de interlocução. Sob a ótica de marcadores conversacionais, Risso (2002) define-os como de natureza de ação discursiva que permite distribuí-los em dois planos não exclusivos, no envolvimento maior com a organização da informação na estrutura ideacional do discurso ou, com a organização das relações entre os interlocutores na estrutura interpessoal.

Na estrutura ideacional situam-se unidades sequenciadoras responsáveis em estabelecer relações coesivas entre as partes de texto por processamento de aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos vigentes tanto na língua escrita como na falada, ou em ambas, por exemplo, em empregos textuais de vocábulos entre conjunções e advérbios: *primeiramente, por falar nisso, com efeito, voltando ao assunto, como eu ia dizendo, por outro lado, além do mais, em outros termos, quer dizer, por último, em suma, finalmente, conseqüentemente*. No excerto (3), *principalmente* é empregado para estabelecer coesão textual ao discurso e evidenciar a opinião do falante com relação ao julgamento de valor entre amizade e dinheiro.

- (3) LIPE: *hum uma amiga de Ana estava precisando de dinheiro pra fazer alguns pagamentos urgente relacionados à sua saúde Ana conhece muito bem a amiga dela e sabe que se ela emprestar esse dinheiro não verá a cor tão cedo devido a isto Ana não sabe o que dizer não sabe como dizer à amiga que não pode emprestar o dinheiro o que que você acha dessas que pegam o dinheiro emprestado e num pagam?*
 DANILO: *complicou eu acho que é falta de consideração falta de consideração a pessoa que você pegou esse dinheiro e você pede um dinheiro emprestado principalmente se for com seu amigo é claro que você vai*

deve pagar porque você primeiramente a pessoa que emprestar tem que gostar de você ou tem que confiar.

LIPE: *tem que ter confiança.* (2015, MM, 17-17, U, D)

O marcador discursivo *primeiramente* trabalha para retomar o reforço do julgamento do falante ao relacionar o fato de afinidade e de confiança entre os envolvidos no tópico discursivo. Nas interações, o contato entre os falantes é mantido pela organização da fala e por meio da qual expressam suas crenças, opiniões e valores.

Na estrutura interpessoal, encontram-se os sinalizadores diretos da interação considerados marcadores ora interrogativos, ora asseverativos, tais como, *certo, sabe, entendeu, claro, né, hum-hum, tá, sei*. No excerto (4) abaixo, por exemplo, *hum hum* é empregado para exprimir a confirmação do funcionamento do canal comunicativo, sinalizando a interação entre falante/ouvinte no evento discursivo.

- (4) DANILO: *esse acredito eu que foi o ato mais preconceituoso que eu que eu vivenciei meu irmão ali estava trabalhando porque ele gostava de de ganhar o dinheiro dele próprio pra comprar as coisas dele comprar roupa porque ele sabia que minha mãe às vezes não tinha condição.*

LIPE: *hum hum.*

DANILO: *e tava tava ali pra ganhar dinheiro pra comprar roupa ou qualquer outra coisa que ele quisesse e a mulher tratou com ele com total preconceito e caso que ele também estudava ele trabalhava ali só no final de semana.* (2015, MM, 17-17, U, D)

Prosseguindo, com os trabalhos de Silva (1999), os estudos recaem sobre aspectos da *Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não prototípicos*. A autora identifica marcadores discursivos prototípicos, tais como *né* e *então*; marcadores discursivos não prototípicos, como *assim, etc..., digamos*; elementos não marcadores, denominados limítrofes, *digamos que* e; os elementos considerados totalmente rejeitados, como *assim* (adv.).

Nessa concepção, marcadores discursivos prototípicos apresentam traços ou combinações de traços estatisticamente relevantes e incluem elementos fortemente sequenciadores e fortemente interativos. Esses elementos sequenciadores são, geralmente, situados no início do enunciado, e os interativos, geralmente, no final do enunciado, conforme já observado nos estudos de Risso (1999) e Urbano (1999), respectivamente.

Quanto aos elementos prototípicos - os exemplificantes, por exemplo -, têm a característica de serem concretos, objetivos, reais e disponíveis e tendem a especificar o enunciado do qual está a serviço, o exemplificado. Já os elementos não prototípicos, a

exemplo dos marcadores definidos como de procura de um elemento, tais como *digamos* e *assim*, tendem a ser abstratos, subjetivos e novos.

Risso, Silva e Urbano (2002), ao desenvolverem estudos sobre os traços definidores de marcadores discursivos, explicam que constituem de um grupo de elementos que envolve no plano verbal sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos. São considerados uma condição de categoria pragmática no funcionamento da linguagem, mecanismos verbais da enunciação atuam no plano da organização textual-interativa com funções distribuídas entre a projeção das relações interpessoais, operando no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo, sendo exteriores ao conteúdo proposicional e à informação cognitiva dos tópicos ou segmentos de tópicos.

Nesse sentido, marcadores discursivos asseguram a ancoragem pragmática do conteúdo quando definem a força ilocutória, as atitudes assumidas em relação ao conteúdo, a checagem da atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação do falante com relação à natureza do elo sequencial entre as entidades textuais. É o processo de acomodação do significado literal da palavra que os constituem para a sinalização de relações dentro do espaço discursivo. Do ponto de vista da integração sintática na estrutura oracional, os marcadores discursivos são independentes, portanto, não se constituem como parte integrante dessa estrutura. Na maioria das vezes, se realizam acompanhados de pausa prosódica demarcativa, o que evidencia a dissociação sintática em relação à estrutura oracional onde os marcadores discursivos se alocam.

Adicionalmente, Risso, Silva e Urbano (2002) definem que marcadores discursivos são insuficientes para constituírem enunciados completos em si próprios, pois, do ponto de vista comunicativo, são unidades não autônomas, diferentes, por exemplo, das interjeições, dos vocativos e das palavras-frase. Formas reduzidas de uma ou duas palavras ou de massa fônica são padrões frequentes dos MDs e, com a condição de mecanismos pouco elaborados sugere implicações relacionadas à extensão reduzida dos MDs e à propensão para recorrência no espaço textual. Quanto à apresentação formal, são formas mais ou menos fixas e pouco propensas a variações fonológicas, flexionais ou de construção, sendo observadas pequenas alterações restritas quase sempre a contrações (*não é ~ né*), reiterações (*ahn ~ ahn*) ou variações flexionais específicas (*entende? ~ entendeu?*) ou sintagmática (*digamos ~ digamos assim*).

De acordo com esses estudos, há uma tendência de cristalização formal dos marcadores discursivos e estatuto de fórmulas já prontas a serem usadas no discurso com grau de automatismo, sem passar previamente por uma elaboração léxico-sintática mais palpável.

Observa-se certa margem de flexibilidade de marcadores discursivos em relação a coordenadas básicas sem desvincularem de um fundo comum estável e unificador. Nesse aspecto, esse fundo é definido pelos traços de exterioridade do marcador discursivo em relação aos conteúdos cognitivos dos tópicos ou segmentos de tópicos; da independência sintática; da não autonomia comunicativa e pela combinação dos traços recorrentes do contrabalanceamento entre aspectos da articulação discursiva e da orientação da interação. Marcadores discursivos, definidos como uma classe gradiente, destaca a concepção de *continuum* pertinente para a definição e qualificação das configurações discursivas (RISSO; SILVA; URBANO, 2002).

Em pesquisas mais recentes na área da linguística e sociolinguística encontram-se estudos que abordam, dentre outros aspectos, a multifuncionalidade dos marcadores discursivos, com destaque para Valle (2014). Freitag (2009; 2008) tem desenvolvido pesquisas relacionadas às estratégias gramaticalizadas de interação, na linha dos marcadores discursivos interacionais, e Rost-Snichelotto (2008) estabelece estudos sobre macrofunções textuais e interacionais dos marcadores discursivos.

Nessa perspectiva apresentada acerca de estudos sobre o uso de marcadores discursivos do português brasileiro, um amplo conjunto de pesquisas têm-se desenvolvido nas últimas décadas (CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; FREITAG, 2001; 2007b; VOTRE; MARTELOTTA, 1998; VOTRE; CEZÁRIO; MARTELOTTA, 2004; GORSKI; FREITAG, 2005; LONGHIN-THOMAZI, 2006; LOPES-DAMASIO, 2008; 2011; SOUZA, 2009; 2010; TRAPP, 2014; VALLE, 2000; 2001; 2014, entre outros).

Levando-se em consideração o exposto na seção, esta pesquisa concentra-se nos marcadores discursivos interacionais como elementos linguísticos que são subjetivamente recrutados, com especificidades de estratégias discursivas organizadas para planejamento, replanejamento, correção ou manutenção da fala, gerados pela experiência humana na ação de comunicação para externalizar perspectivas e atitudes dos falantes e integrar discursos.

1.1.2 Marcadores discursivos interacionais

Ao pensarmos sobre as formas e as funções de marcadores discursivos nas interações verbais, logo vemos que a dinâmica do uso da língua promove a seleção de elementos linguísticos e os organizam de acordo com os objetivos do falante na interação. Nesse enquadramento, Urbano (1999) analisa um subconjunto de marcadores discursivos que desempenham a função de marcadores “basicamente orientadores da interação” e define

matrizes básicas de traços combinatórias de oscilações flexíveis, bastante fortes, seja por sua natureza ou por frequência, e propõe que variáveis estáveis permitem um núcleo-piloto definidor de MDs. O quadro a seguir apresenta, de maneira sucinta, algumas conclusões de Urbano (1999) relacionadas às funções dos marcadores discursivos basicamente orientadores da interação e suas respectivas descrições.

Quadro 1. Subconjunto dos marcadores discursivos basicamente orientadores da interação

| DESCRIÇÃO | FUNÇÃO |
|---|--|
| Possuem a mesma forma gramatical verbal, (ex. olhar e ver - perceptivos - e vir - de movimento). Na forma imperativa e endereçamento direto ou indireto ao interlocutor. | Fáticos de natureza imperativa e entonação exclamativa |
| De natureza interrogativa, têm estrutura de interrogação ora mais marcada, ora menos marcadamente interrogativa. (ex. <i>ahn?</i> , <i>certo?</i> , <i>entende?</i> , <i>entendeu?</i> , <i>não é?</i> , <i>não é verdade?</i> , <i>viu?</i>). Não se deve confundir com força ilocucionária de pergunta ou pedido. | Fáticos de natureza ou entonação interrogativa pós-asserção (após o enunciado declarativo) |
| Ocorre após o enunciado interrogativo (ex. <i>ahn?</i> , <i>hem?</i> , <i>é?</i> , <i>né?</i> , <i>uhn?</i>). | Fáticos de natureza e entonação interrogativa, pós-interrogação |
| Único conjunto de marcadores que é produzido pelo ouvinte, o qual, ao produzir desacompanhados de qualquer sequência, retroalimenta a própria produção do falante e o mantém no seu papel convencional de falante e, conseqüentemente, mantém-se como ouvinte. Os FB alternam o turno entre falante-ouvinte. Marcadores de natureza lexical e não lexicais. (ex. <i>ah</i> , <i>ahn</i> , <i>certo</i> , <i>claro</i> , <i>é claro</i> , <i>é verdade</i> , <i>exato</i> , <i>pois é</i> , <i>sei</i> , <i>sim</i> , <i>uhn</i> , <i>uhn uhn</i>). | Fáticos retroalimentadores (feed back - FB) |
| Iniciadores de turno responsivo ou de comentário. Formas de natureza lexicais e não lexicais. (ex. <i>ah</i> , <i>mas</i> , <i>pois é</i>). | Fáticos de início de Resposta Formal ou Comentário |
| Formas produzidas pelo falante, citando, entretanto, fala de interlocutor fora do evento convencional em curso. A autoria pode ser até do próprio falante. Foram observadas apenas três ocorrências com dois marcadores <i>ah</i> e <i>olha</i> e esse reduzido número de ocorrências não forneceu elementos para reflexão conclusiva. | Fáticos de início de fala citada |

Fonte: Adaptado de URBANO (1999, p. 195-258)

No subgrupo dos marcadores discursivos interacionais há especificidades dos itens linguísticos que surgem da fala em interação, tais como: significados semanticamente construídos, relações metafóricas elencadas pelo contexto e conhecimento de mundo e da própria interação face a face que interfere na coconstrução e manutenção de discursos e significados; assim, uma das possíveis funções dos MDIs é atrair para si a, ou aproximar-se da atenção do ouvinte, mantendo a interação falante/ouvinte na construção do discurso. Isso pode ser observado, por exemplo, pela função de focalização de informações, ou de *back-channel*, no acompanhamento/monitoramento do ouvinte em relação às informações do falante e/ou na marcação de informação de fundo mais pragmático, levando em conta as sequências discursivas dialogais ou o tópico discursivo da interação.

Entendeu?, **sabe?** e **viu?** são elementos com funções interacionais, derivados de verbo de cognição e percepção, podem ocorrer com maior ou menor grau de entonação, ora em abertura de tópico, no meio ou em troca de turno, ora em sequência ou em final de tópico e apresentam estrutura de interrogação ora mais marcada, ora menos marcadamente interrogativa.

Os marcadores discursivos **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** podem apresentar função interativa para testar a atenção do ouvinte, testar a abertura do evento de comunicação e manter a interação interfalante, isto é, leva em conta condicionantes sociais, e intrafalante, condicionantes estilísticos, em resposta do falante à sua audiência. Os falantes acomodam o estilo de fala para seus ouvintes, fornecendo apoio ao planejamento e à manutenção da fala por meio das relações linguísticas, pela forma e uso das palavras, e extralinguísticas, pela natureza dos contextos sociais.

Nesse processo, observa-se que esses itens linguísticos são multifuncionais, apresentam caráter textual que estabelece a coesão entre as partes do texto e caráter interpessoal que mantém a interação falante/ouvinte, auxiliando no planejamento da fala (FREITAG, 2009). Atuando nos planos expressivo e social, a multifuncionalidade dos marcadores discursivos implica na alternância de estilo do falante no contexto da interação.

À medida que esses marcadores discursivos interacionais são empregados na articulação discursiva, organizando a fala, na estrutura, e o discurso, no contexto, atuam também na organização do sistema linguístico, apresentando-se tanto como elementos discursivos na organização da fala, como elementos gramaticais na organização da estrutura textual.

1.2 LÍNGUA EM USO E A DIVERSIDADE DA FALA

Uma área de estudos definida como “língua em uso” e concebida como um campo que observa processos sociocognitivos – processos mentais, sociais e culturais envolvidos na construção do conhecimento como percepção, memória, aprendizagem e formação de conceitos e avaliações (TOMASELLO, 1998; 2003a; 2003b; BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2006; 2010) dialoga com esta pesquisa pela relevância dada ao contexto social em que a língua é usada. Além dessas especificidades, Martelotta e Alonso (2012, p.104) ressaltam a inerente importância dada ao contexto de interação e às operações cognitivas nos processos de significação, aos mecanismos de mudança para a compreensão do fenômeno da língua e a não distinção entre léxico e sintaxe.

Nessa perspectiva, no contexto social da comunidade de fala, aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos são compartilhados e os falantes, segundo Bell (1984; 2001), alternam seus modos de fala – os estilos –, tendo em conta os recursos da língua disponíveis a cada falante, os tópicos, o contexto social em que a língua é usada, as interrelações entre os falantes da interação, as intenções de cada um em relação ao seu ouvinte e ao seu público.

No excerto (5), a seguir, as motivações individuais implicam na construção e no uso das expressões linguísticas dos falantes que são adaptados de acordo com os objetivos e as expectativas com relação ao ouvinte e a si mesmo.

(5) CILA: *eu acho assim que não é tão precário assim como dizem como falam entendeu? tem ônibus sim que são de boa qualidade como agora assim **sabe?** veio uma demanda de ônibus né isso? depois de uma manifestação que teve se mandaram se mandaram mais ônibus e tudo mais ficou aquela coisa mais eh legalzinha né isso? só que o aumento da passagem não é essas coisas toda assim né? aí aumenta a passagem passagem dois e setenta uma coisa assim **sabe?** é muito então eu acho que não tem o que falar ajude aí.*

DANILO: *mas assim o aumento você acha que fora você é a favor do aumento das passagens? devido os transportes estarem realmente em boas condições ou você acha que não devia ter aumentado o aumento da passagem?* (2015, MF, 17-17, U, D)

Nesse exemplo, o marcador discursivo interacional **sabe?** precedido de *assim*, exerce a função de conectar as orações e organizar a sequência discursiva, permitindo a atitude argumentativa do falante. O marcador discursivo interacional **sabe?** no excerto (5) tem a

função de articular o discurso e focalizar as informações que são transformadas em significados nas interações sociais.

Em estudos sobre os aspectos multifuncionais dos marcadores discursivos, Valle (2001; 2014) direciona o olhar a respeito da multifuncionalidade dos marcadores discursivos de *sabe?*, *entende?* e *não tem?* e o uso variável desses marcadores na fala florianopolitana e, a partir dos resultados, Valle (2014) afirma que:

Além da atuação multifuncional, Valle (2001) enfatiza o aspecto funcional cumulativo dos marcadores que, extratextualmente, atuam como elementos de interlocução (checando conhecimento, estabelecendo contato com o ouvinte e mantendo o canal comunicativo) e, intratextualmente, organizam também quadros discursivos/textuais em uma atuação bi-direcional, na medida em que focalizam a informação proposicional que finalizam ou o elemento ao qual se pospõem (como participantes, opiniões do falante, situações, etc.) e colaboram para assinalar as relações existentes entre partes do texto (especificação, explicação, conclusão, finalidade, etc.) (VALLE, 2014, p. 86)

Assim, marcadores discursivos interacionais, como no caso de *sabe?*, podem ser encontrados em “contextos discursivos específicos: conclusão de um argumento, introduzindo uma história, ou evocando um novo referente e todos esses ambientes marcam a transição de uma fase do discurso para outra e, desse modo, todos relacionam segmentos discursivos” (SCHIFFRIN, 2001, p.66).

Refletir sobre a língua como um dos processos básicos do comportamento humano e que, por meio dela, cada indivíduo recebe informações e as percebe de acordo com seu conhecimento de mundo e seus sistemas de valores, nos estimula a pensar que os falantes alternam seu estilo de fala em resposta ao ouvinte e que essas alternâncias são influenciadas por fatores envolvidos na interação, tais como o *status* dos participantes da interação, o tópico discursivo, a sequência discursiva, o grau de aproximação/distanciamento dos participantes.

Schiffrin (2001, p.60) associa as abordagens variacionista e interacional para analisar o papel dos marcadores discursivos como resultantes de um discurso coconstruído. Segundo a autora, se os marcadores discursivos são índices do cognitivo subjacente, expressivo, textual e da organização social de um discurso, então, são propriedades do próprio discurso originadas por diferentes fatores, tais como os objetivos do falante e a situação social que fornecem a necessidade do aparecimento desses marcadores.

Com relação ao conceito de significado comunicativo, Schiffrin (2001, p.67) afirma que o significado comunicativo é coconstruído pela interação falante/ouvinte e emergente de contingências e expectativas sequenciais reconhecidas, conjuntamente, na organização da fala

em interação. Isso permite observar que em uma interação falante/ouvinte, valores pessoais e sociais inerentes a cada um são externalizados para a construção, mútua, de um todo significado social.

Desse modo, no contexto social implicado neste trabalho o universo social é culturalmente compartilhado entre seus membros, os adolescentes escolares, que, em maior ou menor grau de participação, compartilham necessidades comunicativas, além de estruturas lexicais e semânticas. Ao observar o excerto (6), a seguir, as atitudes subjetivas são trabalhadas na fala para uma coconstrução significativa de ambos os participantes da interação, que externalizam suas opiniões, em uma constante troca de crenças e estratégias de aproximação e aprovação, para uma organização mais ampla da interação social.

(6) LÚCIO : *porque na verdade a gente já é criado num mundo racista não só com negro não só com índio e sim com pessoas mais cheinhas vamos dizer assim com pessoas menos desfavorecidas a gente é criado nesse ritmo na sala não é que você vai dizer não eu sou racista mas é que dentro da gente de todo mundo tem um pouco de ignorância buscamos melhorar isso né? mas na sala de aula claro que tem uma certa como é que chama? uma certa discriminação.*

LIPE: *é então isso também parte de uma herança que nós temos de pais uma herança dos pais porque desde cedo os pais eles às vezes falam olhe filho homem filho meu não brinca com fulano ou filho meu não brinca com mulher ou filho meu não brinca com pessoa pobre ou se for pobre filho meu pobre não brinca com gente rica porque senão vai **entendeu?** tem sempre uma parte dos pais os pais sempre influenciam nessa área. (2015, MM, 17-16, U, D)*

Em (7), a seguir, o marcador discursivo interacional **entendeu?** apresenta propriedades linguísticas contendo significados semânticos e pragmáticos, percebidos pelas intenções do falante e aspectos relacionados às expectativas do falante com relação ao tópico discursivo.

(7) LÚCIO : *até com os brinquedos né?*

LIPE: *é brinquedos filho meu não empresta brinquedo pra ninguém tem muito isso muito egoísmo prática preconceituosa acho que vai muito quando a pessoa tem essa prática eu acho que vai muito do egoísmo é você maltratar animais e eu acredito que se você maltrata um animal também tem a capacidade de maltratar um ser humano porque um animal que nu que nu um animal inofensivo você maltrata imagine um ser humano **entendeu?** é e eu acho que essas práticas preconceituosas estão à margem à margem da sociedade essas pessoas devem ficar à margem da sociedade. (2015, MM, 17-16, U, D)*

Essa abordagem considera, também, como os marcadores discursivos interacionais acrescentam um significado ao discurso. Por exemplo, quando **entendeu?**, **sabe?** ou **viu?** faz emergir um significado social coconstruído e semanticamente acessível, ou, quando apresenta posições intermediárias que mantêm, parcialmente, seus significados essenciais, como verbos de cognição e percepção, mesmo que ainda estabeleçam relações metafóricas em planos não proposicionais do discurso (SCHIFFRIN, 2001, p.58). Isto é, quando esses verbos funcionam para além de suas naturezas gramaticais e fazem emergir significados baseados nas concepções e atitudes dos falantes na interface entre a linguagem e o contexto pragmático na interação.

Nesse sentido, cabe observar o conceito de “significados sociais” pelo viés da Sociolinguística (COUPLAND, 2001, p.188) sobre as relações pessoais ou de grupo, que considera questões como o poder, *status*, prestígio e solidariedade/proximidade, assim como fatores de identificação pessoal e social que levam em conta afinidades ou incompatibilidades entre os falantes. Os conhecimentos adquiridos pela experiência de vida de cada falante são determinantes na maneira de interpretar as trocas de informações e de se expressar nas interações, onde, através da produção do discurso, os falantes compartilham, revelam e imprimem suas marcas pessoais e sociais.

1.3 FALA E INTERAÇÃO SOCIAL

A dinâmica da língua na produção do discurso oral é um processo que exige ao falante fazer uso de vários conhecimentos comunicativos durante a interação discursiva e utilizar a linguagem como um meio para organizar as interações sociais, satisfazer as próprias necessidades de falantes individuais, dos ouvintes no evento de fala e para corresponder a normas sociais ou culturais (MEYERHOFF, 2006, p.101). É importante, então, considerar que a ordenação da fala entre subgrupos em uma comunidade de fala só é possível devido à ordenação dos indivíduos desses grupos. Essa relação de ordenação da fala e ordenação de indivíduos de um grupo pode refletir como os falantes compreendem e demonstram seus pontos de vista, fazendo uso de expressões linguísticas com características específicas na construção do seu discurso, por exemplo, empregando marcadores discursivos interacionais, mais ou menos frequentes, na tentativa de projetar seu discurso com foco na sua audiência.

Enquanto língua é interação social, interpretação de mundo e expressão do pensamento é através da diversidade da fala que o indivíduo se faz revelar e revela aqueles que os cerca. Nesse processo, tanto conhecimentos comunicativos como gramaticais para a

construção do discurso e de sentidos envolvem fenômenos da língua, da cognição e do contexto social. Para Schiffrin (1994, p.32), o discurso é visto como um sistema, uma forma socialmente e culturalmente organizada de falar, através do qual, funções específicas são realizadas e padrões de fala são colocados em uso para determinados fins, em contextos particulares e resultam da aplicação de estratégias de comunicação.

No excerto (8), a seguir, o marcador discursivo interacional **viu?** apresenta uma função de *back-channel* que tem a propriedade de marcar uma informação de fundo e/ou de monitoramento do ouvinte para envolvê-lo e mantê-lo na interação. Segundo Dubois e Sankoff (2001, p.295), a emissão de sinais de *back-channel* e o modo do discurso (monológico ou dialógico) do falante representam aspectos da implementação da interação e os fatores sociais como idade, sexo, etnia, etc. do falante podem restringir a variação linguística e dominar os efeitos estilísticos.

(8) CLEICE: *e tá com zoada.*

SANDRO: *e aí Gleice beleza?*

CLEICE: *beleza velho velho tô cansada viu?*

SANDRO: *ei veja aí.*

CLEICE: *diga.*

SANDRO: *ultimamente tá uma repercussão né? com esse negócio de redes sociais né?*

CLEICE: *tá demais rapaz.* (2015, MF, 17-16, U, P)

Nesse excerto, o vocativo velho indica que existe uma referência de identidade social compartilhada, podendo ser entendida, aqui, como de proximidade e familiaridade entre os falantes, não se referindo, propriamente, à idade do interlocutor, mas, a traços de identidade social compartilhados na interação pelo uso do marcador discursivo de vocativo de identidade velho.

O uso dos marcadores discursivos da base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** como indícios de acomodação da fala está associado a processos de interação e, nesse caso, é importante dialogar com o que Schiffrin (1994, p.134) reflete acerca do discurso, que “é interação social na qual construção emergente e negociação de significado são facilitadas pelo uso da língua”. A partir de um enunciado particular para contextos mais gerais, o enunciado é socialmente e interativamente integrado e a contextualização de um enunciado é que motiva

seu uso: o contexto no qual o enunciado ocorre explica por que ele lá ocorre. Schiffrin (1994) afirma que:

Um contexto específico é interação social. Língua, cultura e sociedade são fundamentadas em interação: elas se sustentam em uma relação reflexiva com o eu, o outro, e a relação eu-outro e, é a partir dessas relações mutuamente constitutivas que o discurso é criado.⁶ (SCHIFFRIN, 1994, p. 134, tradução minha).

Estímulos gerados pela contextualização de um discurso em particular resultam em sinalizações que demonstram o alinhamento comunicativo e a identidade dos participantes e, esses sinais são estratégias discursivas que o falante usa conforme seus objetivos durante as interações. Schiffrin (1994, p.133) afirma que “ao visualizar a função social dos estímulos da contextualização em um micronível de *status* e poder, estes estimulam sinais de *status* e poder em um macronível de relações sociais”.

Essa interrelação na transição do micronível para o macronível revela que as variações ocorrem em espectros mais amplos e, de certa forma, remete à noção de significado comunicativo proposta por Schiffrin (2001), cuja concepção indica um significado comunicativo coconstruído pela interação falante/ouvinte, resultante de contingências e expectativas reconhecidas mutuamente e compartilhado nas situações de comunicação e interações sociais. Nessa interrelação, a abordagem de Penelope Eckert (2005, p. 1) também propõe o estudo da variação como um recurso para a construção do significado social na linguagem, ou seja, “considerar o sistema mais amplo de significado social - um sistema mais amplo no qual as mudanças participam”. Essa reflexão resulta na noção da variação linguística como prática social. (ECKERT, 2000).

Segundo Eckert (2005), há uma natureza indireta da relação entre variáveis e categorias que permite à variação ser um recurso não simplesmente para a indexação de lugar na matriz social, mas, para a construção de novos lugares e de significados sociais matizados. Ao propor novas abordagens para os estudos sociolinguísticos, Eckert (2005) explica que:

Os falantes continuamente imbuem variabilidade linguística com sentido social e, tanto quanto sei, diferenças sociais inconsequentes não estão correlacionadas com variáveis linguísticas. Isso implica uma determinada atividade do falante, então, para concluir, deixe-me falar sobre esse ponto.

⁶ “One particular context is social interaction. Language, culture, and society are grounded in interaction: they stand in a reflexive relationship with the self, the other, and the self-other relationship, and it is out of these mutually constitutive relationships that discourse is created.”

Eu não estou argumentando que toda a variação é conscientemente controlada, ou mesmo socialmente significativa. O que estou argumentando é que toda variação tem o potencial para assumir significado⁷. (ECKERT, 2005, p. 30, tradução minha)

Associar a variabilidade linguística e a própria atividade do falante ao significado social resulta em conferir uma noção de variação como construtiva de estilos e o papel da variação na prática estilística envolve tanto considerar as variáveis como estilos, como também, entender que essa colocação é parte integrante da construção do significado social.

A fala em interação é uma atividade de compartilhamento de mundo na construção do discurso no cotidiano da vida de cada falante. Nessa perspectiva, Schiffrin (1994) considera que a língua como interação resulta em importantes consequências, pois, interação é um processo pelo qual uma pessoa tem um efeito sobre outra e, estar envolvido em uma interação social é estar envolvido, também, em um intercâmbio no qual nossas próprias atividades são direcionadas para outra pessoa e as atividades das outras pessoas são direcionadas para nós. (SCHIFFRIN, 1994, p. 415).

A organização da fala no discurso é resultado do emprego de estratégias de comunicação que tornam o discurso coerente, no contexto específico da interação, entre pessoas que compartilham um lugar social no mundo. É nesse lugar social do falante que normas e convenções sociais são compartilhadas e replicadas, mas que, segundo Coupland (2007, p.108), a interpretação das formas e do conteúdo sociocultural não necessariamente significa uma reprodução cultural fiel. Se uma reprodução cultural acontece e quais novas acepções serão adicionadas aos significados sociais quando eles forem realizados, depende, fundamentalmente, da organização local ou constituição de significados.

Para Coupland (2007, p.108), abordar sobre identidade social através do discurso não é simplesmente uma alternativa metodológica para abordagens indiciais quantitativas. De acordo com os argumentos teóricos analisados por Coupland, a ação social discursiva é onde cultura e identidades sociais “vivem” e onde podemos vê-las tomar forma. O estilo de identidades sociais em contraste com um cenário de normas sociais e “memórias sociais coletivas” é o cerne desse processo.

Com essa reflexão, a presente pesquisa pondera que as alternâncias de uso dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** nas interações integram os

⁷ “Speakers continually imbue linguistic variability with social meaning, and as far as I know, inconsequential social differences don’t correlate with linguistic variables. This implies a certain amount of speaker agency, so in closing, let me talk about this point. I am not arguing that all variation is consciously controlled, or even socially meaningful. What I am arguing is that all variation has the potential to take on meaning.”

estilos de fala que os falantes usam com vistas a seus ouvintes, ou à sua audiência e, por meio da acomodação na variação linguística, podem desvelar as identidades sociais do falante na e da sociedade em que ele vive.

2 ESTILO, IDENTIDADE E ACOMODAÇÃO NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O objetivo desta seção é delinear abordagens teóricas relacionadas ao estilo de fala, à identidade social e à acomodação linguística sob o viés da Sociolinguística, considerando processos contextuais e discursivos que impactam no sistema linguístico e social e nas seleções de estratégias discursivas durante as interações.

2.1 ESTILO

A estrutura heterogênea da língua, espelho da diversidade sociocultural do falante, compreende aspectos da variação linguística que determinam como os falantes adaptam sua fala às características dos ouvintes, e ou audiência, durante as interações. Essa heterogeneidade linguística engloba uma ampla variedade de recursos discursivos internalizada em cada falante que, nas interações, alterna entre os vários modos de falar, ou seja, de “estilos”, disponíveis no seu repertório de fala, evidenciando a variabilidade estilística individual do falante (COUPLAND, 2007).

Em abordagens teóricas mais recentes da Sociolinguística, dedicadas à variação estilística na fala (RICKFORD; ECKERT, 2001; COUPLAND, 2007; 2001; BELL, 2001; 1984), além da atenção dada às questões do estilo, são tratados aspectos em torno da relação entre a identidade social e o estilo de fala. Coupland (2007, p.1) destaca que é por meio da variação de estilo que cada falante “projeta identidades sociais diferentes e cria diferentes relações sociais, através de suas escolhas de estilo e mostra como estilo de fala e contexto social se interrelacionam”.

A variação estilística da fala revela como o estilo varia não apenas entre os falantes, mas, também, como os falantes individuais alternam de um estilo a outro, de acordo com seus propósitos pessoais, em um processo de acomodação linguística com foco no ouvinte. Ao utilizar estratégias discursivas da sua própria variedade linguística, o falante alterna seu estilo de fala para construir significado nas relações sociais e imprimir identidades sociais no grupo social ao qual pertence e no contexto em que se realiza a interação.

Nessa perspectiva, aspectos das identidades sociais de cada falante podem ser projetados durante as interações e externalizados pelo uso das variações do estilo de fala que cada falante escolhe para manter a interrelação com seus ouvintes. Assim, a dimensão da identidade social do falante é refletida nas interações pelo modo de como o falante se

relaciona com seu próprio estilo de fala e favorece determinados usos linguísticos durante as interações.

2.2 IDENTIDADE SOCIAL

À luz da Teoria da Identidade Social (TAJFEL; TURNER, 1986), o conceito de identidade social emergiu dos estudos da psicologia social das relações intergrupais e evidencia a importância das experiências de grupo e da socialização no desenvolvimento e na aquisição de categorias sociais. Nessa perspectiva, estuda como as condições sociais estruturam a percepção, a identidade e as ações individuais que resultam em comportamentos do próprio indivíduo no contexto social. Esses comportamentos estão associados às atitudes, valores e crenças do indivíduo e às suas relações interpessoais e intergrupais. A percepção de pertencer ou não a um grupo social é uma conceitualização de relações intergrupo que “leva em conta as realidades sociais, bem como seu reflexo no comportamento social através da mediação de sistemas socialmente compartilhados de crenças” (TAJFEL; TURNER, 1986, p.11).

A partir disso, Tajfel e Turner (1986, p.11) afirmam que o sistema de crença de “mudança social” é a reflexão de uma estratificação social marcada e existente ou um conflito de interesses intergrupais intenso, ou ambos, porque as consequências dos sistemas de crenças decorrentes das situações sociais são suscetíveis de aparecer sob a forma de ações de grupo unificada, ou seja, na forma de movimentos sociais que visam à criação de mudança social ou a preservação do *status quo*. Adicionalmente, os sistemas de crenças representam um importante conjunto de condições subjetivas que pode deslocar o comportamento social em direção aos membros de fora do grupo do indivíduo, alternando entre comportamento “interpessoal” e “intergrupais” em determinadas situações e sociedades.

O conceito de “membro de um grupo”, sob a perspectiva da psicologia social, de acordo com Tajfel e Turner (1986), e que se aplica a categorias sociais de grande escala, é de que os indivíduos envolvidos se definem e são definidos pelos outros como membros de um grupo. Os critérios de “grupo”, nessa perspectiva, configuram-se como um conjunto de indivíduos que se percebem membros de uma mesma categoria social, que compartilham algum envolvimento nessa definição comum de si mesmos e conseguem algum grau de consenso social sobre a avaliação do seu grupo e do seu pertencimento a esse grupo.

Comportamento intergrupais é qualquer comportamento exibido por um ou mais atores, em direção a uma ou mais pessoas e que se baseia na identificação de si mesmos e dos outros

como pertencentes a diferentes categorias sociais. Vejamos os excertos a seguir, retirados de interações entre os adolescentes escolares:

- (9) LIPE: *rapaz eu gosto da recordação e do momento o momento é aquele negócio pra você ter recordação você tem que viver o momento.*
 LÚCIO: *muita gente vive e depois.*
 LIPE: *isso.*
 LÚCIO: *tem ódio da recordação.*
 LIPE: *isso então você sempre vai recordar eu costumo dizer isso que eu sempre quero recordar aquilo que me fez bem então eu nunca vou recordar assim eu eu tento né às vezes recordo logo eu vou tentar recordar aquilo que foi bom pra mim que foi necessário que me ajudou e trouxe pra mim uma edificação então vou sempre tentar me lembrar das coisas boas.*
 LÚCIO: *fofoca agora rapaz sabe a (menina) da sala?* (2015, MM, 17-16, U, P)
- (10) EVANY: *porque hoje em dia as pessoas agem meio que sem pensar né?*
 LEO: *realmente.*
 EVANY: *fale sério velho.*
 LEO: *sério velho.*
 EVANY: *age sem pensar tipo a pessoa num sabe que tipo o facebook qualquer pessoal pode acessar qualquer pessoa pode vê aquilo que você publicou desculpa a palavra.*
 LEO: *no mesmo dia.*
 EVANY: *ai tudo aquilo que você publicou e mesmo assim você insiste em postar coisas privadas tipo assim velho fotos íntimas... é engraçado fotos íntimas fotos essas coisas né? você sabe.*
 LEO: *realmente.* (2015, MF, 16-16, U, P)

Nos excertos (9) e (10), os vocativos de identidade *rapaz* e *velho*, respectivamente, são índices de traços de identidade entre os adolescentes: o pareamento nos turnos, com a retomada, indexicaliza um ao outro, gerando aderência de grupo. As formações de categorias sociais têm seus reflexos na fala do indivíduo, que converge ou diverge em relação ao grupo social e ao momento da interação, pois a percepção individual é formada por padrões alinhados em relação aos membros do grupo ou aos membros não pertencentes ao grupo social.

Essa dimensão de identidade social que é retratada pelo comportamento do indivíduo e localizada em uma categoria social, como a proposta de Tajfel e Turner (1986), é aderente com os pressupostos da Teoria da Acomodação e da *Audience Design* e compartilha a percepção de que identidades de grupo e individuais estão correlacionadas a fatores e situações sociais e atitudes subjetivas do falante.

2.3 TEORIA DA ACOMODAÇÃO

A Teoria da Acomodação desenvolveu-se ao longo de doze anos, passando por muitas ampliações e elaborações, afirmando-se como uma descrição de processos contextuais que impacta sobre sistema sociolinguístico, estilo e seleções estratégicas (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Teve sua origem baseada em um modelo estritamente sociopsicológico de modificações do estilo de fala até tornar-se em seu *status* atual, como uma demonstração interdisciplinar integrada de processos relacionais em interação. Devido a esse modelo interdisciplinar, é considerada a teoria predominante na interface entre a linguagem, comunicação e a psicologia social. Adicionalmente, para Giles, Coupland e Coupland (1991, p.4), a Teoria da Acomodação é apresentada como um paradigma que se aplica a:

- (1) consequências sociais: atitudinal, atribucional, comportamental e comunicativa.
- (2) fatores ideológicos e macrosociais.
- (3) processos e variáveis intergrupais.
- (4) práticas discursivas em contextos naturalistas.
- (5) expectativa de vida do indivíduo e mudanças de língua-grupo.

Um princípio básico da Teoria da Acomodação é baseado no pressuposto de que o falante ajusta seu comportamento e sua fala durante a interação de acordo com a relação social existente entre o falante e o(s) ouvinte(s). Para que seja possível o controle do comportamento linguístico, o falante usa determinadas estratégias com o intuito tanto de controlar as diferenças sociais entre os falantes da interação, como se aproximar ou se afastar do seu ouvinte.

Assim, os falantes ajustam seu estilo de fala para obter aprovação do outro e para definir uma imagem positiva na interação, e, devido à dimensão de variedades e estilos de fala relacionada às variáveis do contexto social, o contexto impacta diretamente no processo de acomodação linguística do falante durante a interação.

Inicialmente focada nos processos sociocognitivos mediante as percepções dos falantes em um contexto e observando como os estilos de fala atribuem para a modelagem dos comportamentos sociolinguísticos, a Teoria da Acomodação ampliou-se para abranger as dimensões discursivas verbais e não verbais da interação social, para demonstrar o valor e o

potencial de conceitos psicológicos e sociais e os processos que compreendem a dinâmica da diversidade da fala em ambientes sociais.

Este quadro teórico desenvolveu-se no que é conhecida atualmente como Teoria da Acomodação da Comunicação que pressupõe dois principais processos pelos quais a acomodação linguística ocorre: processo de convergência e divergência.

Convergência: tem sido definida como uma estratégia pela qual os indivíduos se adaptam aos comportamentos comunicativos do outro em termos de uma ampla variedade de recursos prosódico-linguísticos não verbais, incluindo velocidade de fala, fenômenos pausais e duração do enunciado, variantes fonológicas, sorriso, olhar, e assim por diante: “embora atos comunicativos convergentes reduzam as diferenças interpessoais, a variabilidade interpessoal em extensão e frequência da convergência, talvez não surpreendentemente, igualmente evidente, corresponda a variáveis sociodemográficas como idade” (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p.8).

Divergência: é o termo usado para se referir à maneira pela qual os falantes acentuam as diferenças não verbais e de fala entre eles e os outros na interação. Esse processo pode assumir muitas formas, tanto verbais como não verbais, e ocorre quando os falantes mudam sua fala para manter a integridade, distância ou a identidade no nível de identidade pessoal ou de grupo.

Sendo o processo de acomodação da fala inerente às escolhas subjetivas do falante, esses processos ocorrem nas dimensões subjetivas e objetivas. A dimensão objetiva se refere às mudanças do falante no discurso, de forma independente, se aproximando (convergência) ou se distanciando (divergência) dos outros, ao passo que a dimensão subjetiva refere-se às crenças dos falantes, se eles ou os outros são convergentes ou divergentes.

A convergência é uma estratégia de identificação dos padrões de comunicação internos de um indivíduo, ou de um grupo, para a interação, enquanto que a divergência é uma estratégia de identificação com normas comunicativas linguísticas de algum grupo em referência à situação externa imediata. Os processos de convergência e divergência, assim como a própria língua, são dinâmicos e podem ser negativos ou positivos, são gerados de acordo com as escolhas e intensões subjetivas do falante e com relação à frequência e intensidade empregadas na interação. Esses processos ocorrem em diferentes instâncias, como nos casos de convergência linguística e divergência psicológica.

No quadro 2, a seguir, observam-se as dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala e, adicionalmente, o quadro representa quatro tipos de interações possíveis, tendo em conta se um falante converge ou diverge nas dimensões subjetivas ou objetivas.

Quadro 2. Dimensões da acomodação subjetiva e objetiva da fala

| | | Acomodação subjetiva | |
|------------|--------------|----------------------|-------------|
| | | Convergência | Divergência |
| Acomodação | Convergência | A | B |
| Objetiva | Divergência | C | D |

Fonte: Giles, Coupland e Coupland (1991, p.15, **apud** After Thakerar *et al.*, 1982)

Nas células A e D, há uma correspondência entre o que o falante subjetivamente acredita estar acontecendo. Em A, o falante acredita que está convergindo e consegue atingir esse objetivo, em D, o falante acredita que está divergindo e, igualmente, é o que está acontecendo.

Quando as dimensões objetivas e subjetivas correspondem equilibradamente, é possível observar as atitudes e crenças do falante como explicação para o comportamento observado, no entanto, nas células B e C há uma discrepância entre a estratégia que o falante acredita estar empregando e os aspectos reais de seu desempenho (MEYERHOFF, 2006).

Atuando no campo da organização cognitiva, essas dimensões envolvem recursos comunicativos utilizados pelos falantes para organizar eventos em categorias sociais significativas, permitindo que uma situação social complexa seja reduzida a proporções controláveis. Efetivam-se também em função da manutenção da identidade da comunicação para atender às necessidades emocionais dos participantes, de como eles tratam os marcadores do discurso e os recursos não verbais que, positivamente, reforçam seus egos e deixam de processar qualquer informação que possa ter um efeito negativo sobre as suas imagens.

Os processos de convergência e divergência na acomodação linguística estão relacionados à interação e orientados à percepção do falante na negociação e às identidades individuais entre os falantes/ouvintes na interação, permitindo, assim, que um falante possa convergir ou divergir do outro, de acordo com suas metas e objetivos.

Essa possibilidade de alternância nos aspectos da fala de um indivíduo expressa pela teoria da acomodação tem ênfase na importância dada às atitudes dos falantes em relação ao seu ouvinte, ou à sua audiência (público), e ao dinamismo comunicacional resultante dessas interações. O uso da língua no contexto social está sujeito à variação de estilo de fala.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ALTERNÂNCIA DE ESTILO

Um dos princípios fundamentais da pesquisa sociolinguística de orientação variacionista concebidos por Labov (2006, p.234) estabelece que “não existem falantes de estilo único” e que cada falante apresenta variações nas regras dos aspectos fonológicos e sintáticos, de acordo com o contexto imediato do falante, em contraste com as regras dos padrões gramaticais da língua investigada. Esta seção discorre sobre aspectos da variação linguística nas alternâncias de estilos de fala durante as interações.

3.1 ALTERNÂNCIA DE ESTILO

Definido por Labov (2006) como *style shifting* – alternância de estilo, ou alternância estilística –, esse conceito demonstra que essas alternâncias são determinadas por três razões:

- a) pelas relações sociais do falante, ouvintes e audiência e, particularmente, pelas relações de poder e solidariedade entre os falantes;
- b) pelo amplo contexto social ou “domínio”: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja e;
- c) determinado pelo tópico.

Isso significa que o processo de alternância de estilo se desenvolve no, e pelo, contexto em que a língua é usada e o falante projeta, constrói e mantém sua fala, objetivando sintonizar ou não sua fala com a dos participantes diretos, ou indiretos, naquela interação em particular. Nesse processo, a variação estilística de um falante é caracterizada pela variação de alternância de estilos e da quantidade de atenção que o falante dá sua fala. O estilo é, portanto, uma construção fundamental no estudo da variação sociolinguística, sob a observação da variabilidade estilística na fala como as relações entre indivíduo, fala e sociedade.

Sob a abordagem de estudos da linguagem em uso no contexto social, há três modelos de análise relacionados ao comportamento verbal que definem os estilos de fala de cada um, os quais consideram as especificidades de um determinado contexto e a atenção à fala como recurso estilístico. Esses modelos são: *Estilo como atenção à fala* (LABOV, 2008 [1972]), *Audience Design* (BELL, 2001; 1984) e *Speaker Design* (COUPLAND, 2001; MEYERHOFF, 2006). Cada modelo implica em análises para além do estudo do estilo.

Os métodos associados com a atenção à fala levam em conta a variação do modelo de alternância de estilo como “alguma coisa que reflete informações não linguísticas e, quanta

atenção o falante está dando à sua fala” (MEYERHOFF, 2006, p.52). Os associados com *Audience Design*, ou *Speaker Design*, tratam a variação como constitutiva de fatores não linguísticos como, por exemplo, a seleção de uma audiência ou, a tentativa de enfatizar similaridade e identidade com uma audiência.

Os falantes apresentam estilos linguísticos variados para se posicionarem uns em relação aos outros e utilizam-se de estratégias discursivas para atender a esse fim. Essas questões serão discutidas em detalhes nas seções seguintes.

3.2 ATENÇÃO À FALA

Ao investigar o uso do inglês na cidade de Nova Iorque, Labov (2008 [1972]) propôs a necessidade de controlar o contexto para definir os estilos de fala que ocorrem dentro daquele contexto, de modo a observar o comportamento verbal dos falantes e analisar a representatividade do desempenho linguístico de um grupo ou comunidade de fala. Ao definir o contexto discursivo, define-se também o processo de produção discursiva dos falantes e o estilo de fala que, em outros contextos, podem ser diferentes. Esses isolamentos contextuais motivam o falante a desempenhar uma determinada quantidade de atenção que ele dá à sua fala e, também, condicionam a alternância de estilo do falante.

Nesse processo de condicionamento estilístico, Labov (2008 [1972], p.102) define de *fala monitorada* (*careful speech*) quando o falante presta mais atenção à sua própria fala e, de *fala casual* (*casual speech*), quando o falante presta menos atenção à sua própria fala. O maior ou menor “grau de espontaneidade ou entusiasmo” do indivíduo na produção do discurso pode variar em relação à *fala monitorada*, contextos mais formais, onde a atenção dirigida à fala é maior.

Em relação à *fala casual*, entendida aqui como a fala cotidiana usada nas situações informais, contextos menos formais, onde a atenção dirigida à fala é menor ou nenhuma e, em relação à *fala espontânea*, um padrão de fala que emerge pela fala excitada e carregada de emoção. O estilo de *fala espontânea* é correlato da *fala casual* e pode ocorrer tanto em contextos informais como formais, mas, que decorre “não em resposta à situação formal, mas apesar dela”. (LABOV, 2008 [1972], p.111).

Nessa perspectiva, é importante considerar a relação entre variação social e variação estilística. Por social, Labov (2008 [1972], p.313) entende como “aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea”; e por estilística, “as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala”. Pela

escolha na organização entre fala mais monitorada e fala menos monitorada, os falantes usam diferentes estilos de fala, que são motivados pelas atividades dos atos de fala, pelas situações contextuais, da maior ou menor proximidade entre falante e ouvinte, além dos aspectos extralinguísticos envolvidos na interação.

Relacionar contexto social na produção discursiva significa analisar como a variação social e estilística influenciam o comportamento expressivo do falante, que opta de que maneira ele fala ao seu ouvinte, com quais variantes seu discurso é coproduzido e quais referenciais de mundo imprimem em suas relações sociais naquela interação.

3.3 *SPEAKER DESIGN*

Estudos sobre a variação de estilo descrevem como os falantes podem usar a alternância de estilo para apresentarem-se aos outros, de acordo com o contexto ou com quem estão falando, ora dando maior atenção à fala, ao ouvinte ou, ainda, direcionando maior atenção a si próprio (LABOV, 2008 [1972], COUPLAND, 2001; BELL, 2001; 1984). A abordagem de *Speaker Design* configura-se pela atenção projetada para o próprio falante.

Entre as possíveis motivações para a alternância de estilo projetada para o falante é o desejo do falante de “acentuar o positivo e eliminar o negativo” (MEYERHOFF, 2006, p.44), uma estratégia de polidez, portanto, o que influencia a alternância do estilo de fala do indivíduo e são relevantes para demonstrar suas percepções em relação a si próprio e traduzi-las, segundo suas metas pessoais, para alcançar a aprovação do seu ouvinte e/ou audiência.

O que o diferencia dos demais modelos de alternância de estilo é que o *Speaker Design* faz uma abordagem de análise que salienta o desejo do falante para representar-se a si próprio, de determinadas maneiras, variando sua fala correlacionando-as com as diferenças de ouvinte, contexto social, objetivos pessoais ou práticas externamente impostas. Além disso, as principais diferenças entre *Audience Design* e *Speaker Design*, por Meyerhoff (2006, p.44), estão em que tipos de motivos ou metas são atribuídos ao falante e quais são assumidos para conduzir a variação estilística.

3.4 *AUDIENCE DESIGN*

O modelo de *Audience Design* teve seus primeiros estudos baseados na teoria acomodação da comunicação e, posteriormente, apresentou um desenvolvimento teórico mais aprofundado por Bell (1984; 2001). O princípio dessa teoria pressupõe que a variação

estilística ou a variação intrafalante deriva de, e reflete a, variação interfalante, assim, para Bell (1984), estilo é essencialmente a resposta do falante para sua audiência e os falantes acomodam o estilo, principalmente, para seus ouvintes. As terceiras pessoas – ouvintes ou ouvintes ocasionais –, influenciam nas alternâncias de estilo do falante que são, principalmente, responsivas e causadas por uma mudança situacional, onde os falantes também podem usar o estilo para redefinir a situação existente.

Bell (1984) aprimorou os estudos acerca da variação estilística da fala e suas influências geradas nos ouvintes, após analisar a fala em interação de locutores de rádio. Bell observou a ocorrência de alternância nas variações de estilo da fala que implicaram nas características fonéticas e morfológicas, de acordo com a audiência radiofônica.

Questões sobre a alternância de estilo já haviam sido levantadas por Labov (2008 [1972]) quando, de seus estudos sobre a variação na fala e na comunidade, observou que não havendo nenhum modo claro de caracterizar os comportamentos adotados pelo falante na alternância de um estilo a outro, ou mesmo o falante recorrendo a um único estilo várias vezes, Labov determinou essas alternâncias de código como “variantes estilísticas”.

De acordo com Bell (1984; 2001), nos estudos sociolinguísticos há duas categorias iniciais de fatores que estão relacionados à variação linguística. Os fatores linguísticos: fonológicos, morfológicos e sintáticos que promovem ou inibem a aplicação de uma regra variável e os fatores extralinguísticos, também divididos em duas categorias que, segundo Bell, desde Labov têm sido denominados como eixos “social” e “estilístico” da variação linguística, onde o social indica as diferenças entre a fala de diferentes falantes e o estilístico indica as diferenças dentro da fala de um único falante.

Em uma distribuição dos fatores que influenciam a variação linguística, Bell (1984, p.146) ilustra que a variação linguística se divide em dois grandes eixos:

- 1) Linguístico, que engloba os aspectos fonológicos, sintáticos e;
- 2) Extralinguístico, que engloba: a) a dimensão do interfalante, uma variação social, que tem em conta a classe, idade, rede e; b) a dimensão do intrafalante, uma variação estilística, que considera fatores mais subjetivos do falante, tais como a atenção, o ouvinte, o tópico.

Para Bell, a língua não covaria com estilo, sendo o estilo, por si próprio, um eixo da variação sociolinguística e qualquer modelo de alternância de estilo deve considerar certos fatos da estrutura sociolinguística, as relações entre as diferentes dimensões da variação linguística em uma comunidade de fala e, além disso, “a interrelação da variação interfalante, variação intrafalante e avaliação linguística é evidência crucial na derivação e natureza da mudança de estilo”. (BELL, 1984, p.150).

Ao abordar questões que envolvem os estudos do estilo na teoria sociolinguística, Bell (2001, p.141-148) afirma que a essência da *Audience Design* pode ser resumida nos seguintes pontos:

- 1) *Estilo é o que um falante individual faz com uma língua em relação às outras pessoas*: esse é o princípio básico da *Audience Design* – que estilo é orientado para pessoas, em vez de mecanismos e funções. O estilo foca na pessoa. Ele é essencialmente um aspecto social. Ele marca relações intergrupais e interpessoais. É interativo e ativo.
- 2) *Estilo deriva seu significado a partir da associação de características linguísticas com grupos sociais específicos*: a avaliação social do grupo é transferida para as características linguísticas associados com o grupo. Estilo deriva da variação linguística intergrupo por meio de avaliação social.
- 3) *Os falantes projetam seu estilo principalmente para, e em resposta à, sua audiência*: esse é um princípio vital da *Audience Design*. A mudança de estilo ocorre, principalmente, em resposta a uma mudança na audiência do falante. A *Audience Design*, geralmente, é manifestada em um falante que alterna seu estilo para ser mais parecido com o estilo da pessoa com quem ele está falando. Esse é o princípio de "convergência" à luz da Teoria da Acomodação.
- 4) *Audience Design se aplica a todos os códigos e os níveis de um repertório de linguagem, monolíngue e multilíngue*: esse modelo não se refere apenas à alternância de estilo e utiliza recursos linguísticos nos níveis lexicais, gramaticais e pragmáticos. Aplica-se a todos os códigos e repertórios dentro de uma comunidade, incluindo a mudança de uma língua para outras em situações bilíngues.
- 5) *Variação na dimensão estilística na fala de um único falante deriva de, e ecoa a, variação que existe entre falantes na dimensão "social"*: Bell (2001) afirma que a interrelação entre mudança de estilo intrafalante e diferenças dialéticas interfalante é uma derivação. Essa premissa é destinada a aplicar-se tanto diacronicamente como sincronicamente, ou seja, se refere tanto às origens históricas de estilos como à base contínua, na qual, estilos podem ser expressos verbalmente para transportar significado social. Como as diferenças da primeira pessoa (falante) são subjacentes às diferenças sociais na língua, então, as diferenças estilísticas são subjacentes pela segunda pessoa (e, em menor grau, a uma terceira pessoa) na situação comunicativa.
- 6) *Os falantes têm uma capacidade refinada para projetar seu estilo para uma gama de diferentes destinatários, assim como para outros membros da audiência*: essas são as conclusões

clássicas do modelo de acomodação. Na sua essência, a teoria da acomodação da fala propõe que os falantes acomodam seu estilo de fala para seus ouvintes para ganhar aprovação.

7) *A mudança de estilo, de acordo com o tópico ou a situação, deriva seu significado e direção de mudança a partir da associação subjacente de tópicos ou situações com membros típicos da audiência:* a hipótese de que o estilo alterna de acordo com os tipos de tópicos e os tipos de audiência.

8) *Assim como a dimensão "responsiva" de estilo, há a dimensão "iniciativa", em que a própria mudança de estilo inicia uma mudança na situação, em vez de resultar dessa tal mudança:* na alternância situacional há uma associação regular entre linguagem e situação social. Essas mudanças situacionais refletem as normas da comunidade de fala do que é linguagem apropriada para determinados públicos. Estilo iniciativo explora essas associações regulares, introduzindo características de uma determinada situação em um contexto diferente. Nesse ponto, a linguagem torna-se uma variável independente que, por si própria, molda a situação.

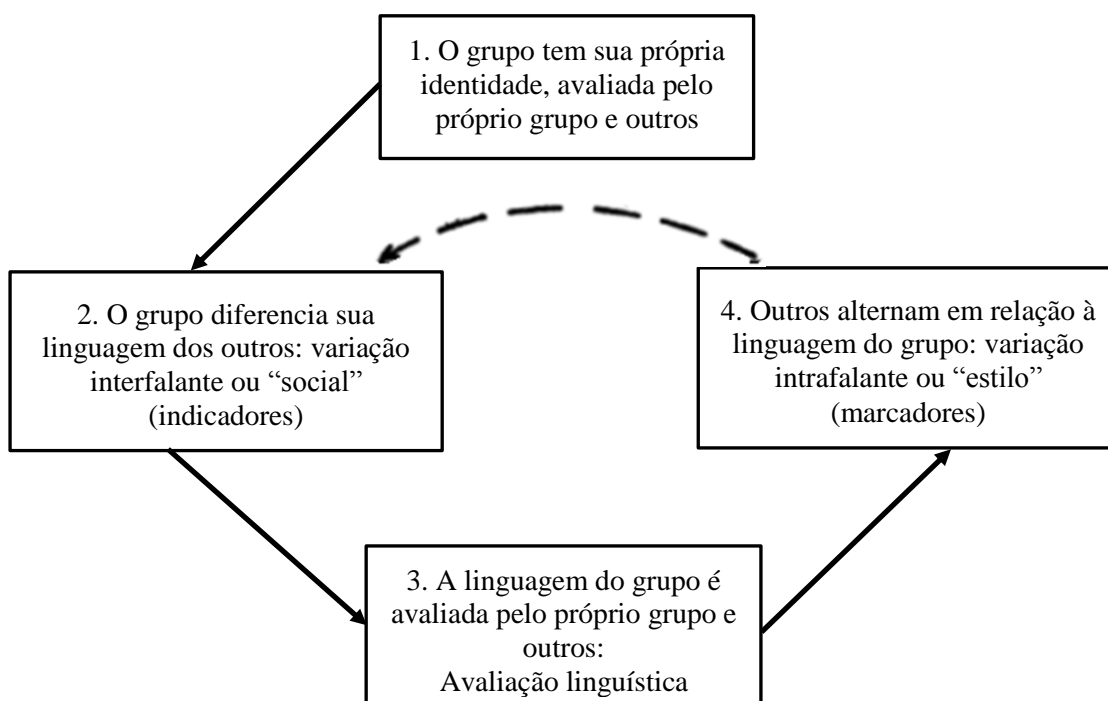
9) *As mudanças de estilo iniciativo são, em essência, "referee design", através do qual as características linguísticas associadas a um grupo de referência podem ser usadas para expressar identificação com aquele grupo:* as mudanças de estilo iniciativo derivam sua força e sua direção de mudança a partir da sua associação subjacente com classes de pessoas ou grupos. A mudança de estilo iniciativo é, essencialmente, uma redefinição pelos falantes de sua própria identidade em relação à sua audiência. O parâmetro a partir do qual as mudanças iniciativas operam é o estilo normalmente projetado para um tipo de ouvinte particular.

10) *A investigação de estilo exige seus próprios designs e metodologia:* para progredir além do nosso nível atual de conhecimento, a pesquisa sobre estilo precisa ser adaptada para esse fim, não apenas enxertada em um estudo com outros objetivos principais. Os falantes de nossas amostras, os falantes cujas falas são registradas e até mesmo os tipos de análise que realizamos são específicos para a nossa preocupação com estilo, em vez de, por exemplo, com diferenças de dialeto.

Esses princípios compartilham entre si a relação de causa e efeito entre as dimensões interfalante e intrafalante, reflexos das dimensões sociais e estilísticas. Em situações específicas, o falante acomoda sua fala visando à aproximação com o ouvinte, ouvinte direto ou indireto, variando os elementos linguísticos para a construção de significados durante a interação. Tendo em vista que as variações sociais e estilísticas são ambas refletidas na e pela fala do indivíduo, ampliam-se para um contexto maior da interação verbal ou não verbal através dos resultados expressos na ou pela audiência.

Bell (1984, p.151) afirma que “se a variação estilística deriva da variação social, a variação social vem primeiro”. A partir disso, algumas variáveis linguísticas têm tanto variação social como estilística, porém, algumas variáveis têm somente variação social, mas, nenhuma variação somente estilística, porque a dimensão estilística pressupõe o social. De acordo com Bell, marcadores de nível de avaliação podem conduzir traços de estigma/prestígio e, geralmente, variam em ambas as dimensões, mas, indicadores com diferenciação apenas social. A figura 1 representa a derivação, considerando que estilo pressupõe o social.

Figura 1. Derivação de variação intrafalante a partir de variação interfalante



Fonte: Adaptado de Bell (1984, p.152).

O fluxo da derivação mostra que a variação estilística no espaço social surge da avaliação dos falantes sobre a identidade social dos interlocutores e se move, linguisticamente, em sua direção. A variação interfalante e a variação intrafalante vão de encontro com as variáveis sociolinguísticas definidas por Labov (2008 [1972]) e, de um lado, têm-se os *indicadores* que são traços linguísticos que mostram uma distribuição regular pelos grupos socioeconômicos, étnicos e etários e são usados por cada indivíduo, mais ou menos do mesmo modo, em qualquer contexto. Esses indicadores podem ser estratificados se ordenados

em tipos de hierarquia, por exemplo, grupo socioeconômico ou etário. Do outro lado, os *marcadores*, que exibem a distribuição social e também a diferenciação estilística.

Isso em vista, o fluxo da derivação pressupõe que pessoas de diferentes grupos sociais possuem características linguísticas diferentes, ou também similares entre elas, e essas diferenças passam pelo processo de projeção linguística orientada em relação aos interlocutores e de acordo com as expectativas do falante em relação ao ouvinte ou público.

A visão de estilo proposta por Bell (1984) origina-se a partir do ponto de vista da natureza da personalidade da pessoa. No conceito de *Audience Design*, assenta-se uma afirmação sólida de que a característica da alternância de estilo (intrafalante) deriva em um nível subjacente a partir da natureza das diferenças de linguagem entre as pessoas (interfalante). Bell considera esse processo como um reflexo da variação interlocutiva.

Por explicar como os falantes derivam suas mudanças de estilo a um ouvinte, a partir das características que eles associam com a fala do grupo como um todo, o modelo de *Audience Design* é aderente para abordagem dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na fala de adolescentes escolares como traços de identidade.

3.5 ESTILO DE FALA, MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS E IDENTIDADE SOCIAL

A *Audience Design* propõe que a variação estilística e a social operam simultaneamente no momento de interação e, através de processos sociocognitivos, abrangem dimensões subjetivas e objetivas dos falantes, além de dimensões verbais e não verbais, indicando que o valor e o potencial de aspectos psicológicos e sociais manifestam-se pela dinâmica e heterogeneidade da fala nos ambientes e contextos sociais das interações. Esta seção discorre sobre a relação da *Audience Design* e o uso dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** como indícios de acomodação e identidade.

A abordagem de *Audience Design* conceitualiza que os falantes alternam seu estilo de fala em resposta aos seus diferentes ouvintes e/ou audiência, visando alcançar objetivos comunicativos e demonstrar suas identidades sociais. O uso de marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, por exemplo, como escolha de estilo de fala, é um processo na coconstrução do discurso e contribui para a construção de significados; por isso, relaciona-se com o processo de acomodação linguística e a relação entre o estudo de marcadores discursivos e o modelo de *Audience Design* como traços de identidade social.

Em (11), observa-se que a sequência de fala é reinterpretada por Danilo após Cila articular sua argumentação com o uso do marcador discursivo interacional **entendeu?** no tópico discursivo. Para Cila, há sim transporte de qualidade, mas, o aumento da passagem é ruim; é muito. A sequência é reinterpretada por Danilo que retoma o tópico discursivo por meio de questionamentos.

(11) CILA: *eu acho assim que não é tão precário assim como dizem como falam **entendeu?** tem ônibus sim que são de boa qualidade como agora assim sabe veio uma demanda de ônibus né isso? depois de uma manifestação que teve se mandaram se mandaram mais ônibus e tudo mais ficou aquela coisa mais eh... legalzinha né isso? só que o aumento da passagem não é essas coisas toda assim, né? aí aumenta a passagem passagem dois e setenta uma coisa assim sabe é muito então eu acho que não tem o que falar ajude aí.*

DANILO: *mas assim o aumento você acha que fora você é a favor do aumento das passagens devido o transporte estar realmente em boas condições? ou você acha que não devia ter aumentado o aumento da passagem? (2015, MF, 17-17, U, D)*

Na interação entre Cila e Danilo, os falantes dialogam sobre o aumento na passagem do ônibus, a qualidade dos veículos e os fatores positivos ou negativamente envolvidos – contexto social – reorganizando as falas para alcançar, ou não, a aprovação do ouvinte e escolhem as alternâncias de estilo projetadas à fala, ao ouvinte e/ou ao próprio falante – variação estilística.

Na abertura do tópico discursivo, “*eu acho assim que não é tão precário assim como dizem como falam **entendeu?***”, é exposta a opinião da falante, positiva em relação aos eventos sociais ocorridos na ação: manifestação, demanda de ônibus, aumento da passagem. O uso do marcador discursivo interacional de natureza verbal **entendeu?** carrega em si a concordância de segunda pessoa do singular “você” e funciona como um marcador que introduz o comentário em relação ao tópico discursivo. A percepção dos falantes em relação ao tópico discursivo direciona a atenção da fala ao ouvinte e busca a atenção por meio do recrutamento de crenças e atitudes entre eles.

Referências linguísticas, como os aspectos fonológicos e sintáticos, e as extralinguísticas, em uma variação social que tem em conta a classe, idade, rede de interações, e, uma variação estilística que considera fatores mais subjetivos do falante, tais como a atenção, o ouvinte, o tópico, são conhecimentos sociais e culturais compartilhados pelos falantes que tornam possíveis a interpretação e reinterpretação do tópico discursivo e a

organização e reorganização da fala na interação. Uma abordagem voltada à acomodação da fala para a análise da alternância de estilo sugere que os falantes usam estilos diferentes para apresentarem-se de modo diferentes e de acordo com o contexto ou com quem estão falando.

Considerar as interações um processo de construção conjunta significa pensar os marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, na fala dos adolescentes escolares, índices linguísticos coconstruídos que indicam as relações entre o falante e o ouvinte. Podem ser indícios de que, além da função discursiva, está relacionada a identidade social do falante diante do grupo de relações ao qual pertence, ou, ao qual ele está inserido no momento da interação.

Na produção de um discurso que é também coconstruído nessas interações, os marcadores discursivos interacionais apresentam multifuncionalidades como, por exemplo, buscar a atenção do interlocutor, testar a abertura da comunicação, manter a interação interfalante e intrafalante, dando apoio ao planejamento e à manutenção da fala através de relações linguísticas e extralinguísticas.

Deste modo, marcadores discursivos interacionais emergem na fala e a dinâmica multifuncional desses itens linguísticos é produzida sob forças sociais que influenciam no falante e alteram sua fala, dependendo do contexto da interação.

Ainda nessa ótica, vê-se uma correlação com o modelo de *Audience Design* (BELL, 1984; 2001), na qual o uso dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** está sujeito às variações contextuais que podem influenciar na fala do falante e que envolvem as próprias características individuais do falante, as relações de interação que regem a interrelação dele com o ouvinte e/ou audiência e a relação que o falante tem com o grupo em que está inserido naquela interação.

Görski e Freitag (2006) ampliam estudos sobre questões de marcação e comportamento sociolinguístico de marcadores discursivos interacionais de natureza verbal na fala de Florianópolis, com foco na dupla noção de marcação linguística e marcação social. O efeito da marcação linguística se manifesta na relação icônica entre o processamento cognitivo da língua e sua representação material no discurso, no sentido de que processos de produção mais complexa são codificados linguisticamente através de formas materiais mais marcadas.

Nesta perspectiva, formas que pertencem a uma mesma categoria gramatical diferenciam-se quanto ao grau de marcação: as marcadas tendem a ser utilizadas em contextos cognitivo-comunicativos complexos; por sua vez, as formas não marcadas tendem a ser utilizadas em contextos mais simples. Ou seja, as formas gramaticais podem vir a receber

usos especializados, particularizados para certos contextos em razão de seu grau de marcação linguística. A marcação social refere-se aos valores de estigma/prestígio atribuídos às formas linguísticas pela própria comunidade de fala.

Sendo assim, como as formas linguísticas sofrem influência dos valores particulares de cada grupo social, elas mudam de acordo com os aspectos sociais e comunicativos de cada grupo, podendo ser mais ou menos marcadas, dependendo de como a comunidade de fala atribui estigmas sociais com base nas marcações linguísticas. No estudo de Görski e Freitag (2006), particularmente os marcadores **não tem?** e **entendesse?**, o uso dos marcadores discursivos era direcionado pelo estigma social atribuído pela comunidade de fala.

O principal fator que contribui para a alternância de estilo, a alternância orientada ao ouvinte, assenta-se na concepção de que a variação intrafalante deriva de e reflete as diferenças interfalantes (BELL, 1984). De acordo com Bell, as variáveis sociolinguísticas, normalmente, mostram a variação de acordo com o ouvinte e, apenas uma ou duas de cada dez variáveis é um indicador. A maioria das variáveis são marcadores com alternância de estilo e entendida como projetada para o ouvinte.

Esse padrão de variação intrafalante e interfalante sugere que uma variável sociolinguística, que é diferenciada por certas características de falante, por exemplo, por classe, sexo ou idade, tende a ser diferenciada na fala direcionada aos ouvintes com essas mesmas características. Ou seja, se uma pessoa idosa usa uma determinada variável diferente de uma pessoa jovem, então, as pessoas usarão essa variável diferente ao falar com uma pessoa idosa do que ao falar com uma pessoa jovem e, mudando o que tem de ser mudado, de acordo com sexo, raça, e assim por diante. (BELL, 1984, p.167).

Pela *Audience Design* (BELL, 1984), o falante usa e alterna o estilo de fala para representar sua identidade ou atribuir a si outras identidades, ou seja, a expressão linguística de identificação com um grupo de referência importante ao falante, geralmente, ocorre em resposta a uma mudança em algum aspecto da audiência. Nessa ótica, como o discurso é coconstruído por meio da fala na prática da linguagem, a identidade do falante é projetada na fala durante as interações do seu dia a dia.

4 METODOLOGIA, *CORPUS* E ANÁLISE

A presente pesquisa realiza uma análise qualitativa com embasamento teórico nos pressupostos da Teoria da Acomodação de Giles, Coupland e Coupland (1991) e *Audience Design*, de Bell (1984; 2001), e uma análise quantitativa de distribuição de frequências para analisar os contextos de emergência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** e o efeito da acomodação linguística desses marcadores na fala de adolescentes escolares.

O *corpus* aqui utilizado é parte da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*⁸, composta por 30 interações conduzidas. Nesse tipo de interação não há presença de entrevistador e, conforme Mendonça (2016, p.35), “as interações ocorrem entre dois falantes e são direcionadas por meio de cartões contendo diversas situações que conduzem a comunicação, daí o nome interações conduzidas”.

Dessa forma, o material linguístico dos falantes que participam da interação é integralmente utilizado, diferente das entrevistas sociolinguísticas, onde há intervenção do entrevistador e não se considera a fala do entrevistador para fins de análise. Essa amostra é constituída por dados de fala de 13 falantes, com idade entre 15 e 17 anos, do sexo masculino e feminino, discentes do Colégio Estadual Atheneu Sergipense e está vinculada ao Banco de Dados *Falares Sergipanos*. A referência do *corpus* possibilitou investigar:

- (i) o uso, as funções e a distribuição de frequências dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe** e **viu?**;
- (ii) a relação desses marcadores discursivos no processo de acomodação linguística e;
- (iii) o uso dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** como indícios de identidade social.

⁸ A amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* foi utilizada para a realização dos planos de trabalho de Iniciação Científica: Gênero, polidez e variação: análise de marcador na fala de Aracaju/SE, realizado pela bolsista Cristiane Santana; Gênero, polidez e variação: análise de estereótipo na fala de Aracaju/SE, pela bolsista Thaís Andrade; e Gênero, polidez e variação: análise de indicador na fala de Aracaju/SE, realizado pela bolsista Valéria Sousa, todos vinculados ao Projeto: Gênero, polidez e variação linguística, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Raquel Meister Ko. Freitag do Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade - GELINS - UFS. Os procedimentos metodológicos podem ser encontrados em Mendonça e Freitag (2016).

No início dessas investigações, um primeiro levantamento das ocorrências de marcadores discursivos de base interacional foi realizado na amostra de dados, o que resultou na extração de 1453 ocorrências de todos os marcadores discursivos de base interacional da amostra, localizando os marcadores: **não é?**, **né não?**, **né isso?**, **né?**, **entendeu?**, **sabe?**, **viu?**, **certo?** e **assim, né?**. A partir dessa primeira extração e após examinar a produção desses elementos linguísticos, foram delimitados como objetos de estudo desta pesquisa os marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**.

O critério de escolha deu-se pela seleção dos marcadores discursivos de base interacional que foram mais produtivos na amostra de dados e que podem ser considerados intercambiáveis, já que, constituem-se de variantes de uma variável linguística de origem verbal, considerando que os verbos **entender**, **saber** e **ver** são de natureza cognitiva e perceptiva (GÖRSKI; VALLE, 2016). Em uma segunda extração, já com os marcadores discursivos de base interacional delimitados, o resultado obtido foi: 242 ocorrências de **entendeu?**, 70 ocorrências de **sabe?** e 45 ocorrências de **viu?**, totalizando 357 ocorrências desses marcadores discursivos de base interacional na amostra de dados.

Como uma proposta metodológica para observar nuances de variações estilísticas do falante, Freitag (2014, p.124) propõe focar no controle de dois aspectos da entrevista sociolinguística: o tópico discursivo (BELL: 1984, 2001) e a sequência discursiva (GUY *et al.*, 1986, OLIVEIRA; SILVA; MACEDO, 1996, LABOV, 2001, FREITAG *et al.*, 2009). A partir dessa proposta, a presente pesquisa analisou em que contextos **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** emergiram e, após a codificação dos dados, o resultado obtido foi: sequência discursiva, posição dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na unidade discursiva, função dos MDIs na sequência discursiva, o tópico discursivo e a ocorrência dos MDIs em relação ao grau de proximidade dos falantes.

O quadro 3, a seguir, é uma representação sistematizada dos contextos de emergência dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na amostra das interações. Para a elaboração do quadro, as colunas Sequência Discursiva e Posição na Unidade Discursiva estão classificadas conforme proposto em Urbano (1999) e, a coluna Função, segmentada com base em Martelotta (2004), Schifffrin (2001), Valle (2001, 2014), Martelotta e Leitão (1998) e Urbano (1999). Na coluna Tópico Discursivo estão inseridos os tópicos mais recorrentes de emergência dos MDIs observados na amostra das interações e, a coluna Grau de Proximidade entre os Falantes baseia-se em Mendonça e Freitag (2016).

Quadro 3. Contextos de emergência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**

| CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA DOS MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE INTERACIONAL ENTENDEU?, SABE? E VIU? | | | | | |
|---|-------------------------------|--|---|--|---------------------------------------|
| SEQUÊNCIA DISCURSIVA | POSIÇÃO NA UNIDADE DISCURSIVA | FUNÇÃO | TÓPICO DISCURSIVO | | GRAU DE PROXIMIDADE ENTRE OS FALANTES |
| Argumentação Dialogal Narração Pergunta Procedimento | Inicial Medial Final | Articulador discursivo Back-channel Focalização de informações Introdução de tópico Entrega/passagem de turno Interrupção de informação Finalização de argumento Reformulação da informação | Políticas públicas Segurança pública Preconceito Comportamento humano Relacionamento Meio ambiente Educação Serviços públicos <i>Bullying</i> Transporte público | Programas sociais Maus-tratos aos animais Viagem Política Amizade Alimentação Violência contra a mulher Redes sociais Sexualidade Saúde | Próximo (P) Distante (D) |

Esses resultados permitiram constatar variáveis linguísticas, tais como, sequência discursiva, posição na unidade discursiva e funções dos marcadores discursivos de base interacional, e, variáveis pragmáticas, como o tópico discursivo e o grau de proximidade entre os falantes, analisadas mais adiante nesta pesquisa. Embora **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** possam ser tomadas como variantes de requisitos de apoio discursivo, a análise desta pesquisa não é baseada em análise multivariada. Uma análise de distribuição de frequências faz-se mais relevante para esta pesquisa porque o foco é centrado no processo de acomodação linguística.

É importante salientar que a teoria da acomodação da fala (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991) pressupõe a apresentação do eu, dentro de contextos relacionais particulares, articulando metas relacionais e metas de identidade. A teoria da acomodação da fala é a que está mais próxima para representar a escolha estilística do falante, tendo em conta referências específicas de conjuntos de motivações sociais para a, e as consequências da, escolha de estilo. (COUPLAND, 2001, p. 197).

Adicionalmente, a possibilidade de avaliar diferenças e semelhanças entre as distribuições de frequências pode favorecer tanto leituras quantitativas, como qualitativas, importantes para a observação da convergência e divergência de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** e que são consideradas primordiais para a observação da acomodação linguística na interação.

Isto é, visualizar as apresentações linguísticas do eu em resposta ao(s) outro(s) e os efeitos decorrentes. Em como os falantes conversam uns com os outros, de formas diferentes, dependendo das características de seus ouvintes ou audiência, da sua própria característica e outros fatores na interação e dos contextos envolvidos.

Essa linha teórica aplica-se, também, a processos e variáveis intergrupais, nos quais os falantes acomodam suas atividades de comunicação para obter aprovação do ouvinte/audiência e definir uma imagem positiva na interação. Para o processo de investigação dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na fala de adolescentes escolares, os critérios abaixo foram considerados:

- a) Observar a multifuncionalidade dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** para identificar suas respectivas funções nas amostras de dados, aplicar análise de distribuição de frequência desses marcadores discursivos e, relacionar as funções extraídas das amostras de dados com as ocorrências de frequência dos MDIs.
- b) Investigar a frequência de uso de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** em relação às variáveis sociais por tipo de interação quanto ao sexo/gênero: Feminino x Feminino (FF), Feminino x Masculino (FM), Masculino x Feminino (MF) e Masculino x Masculino (MM).
- c) Analisar a distribuição de frequência por tipo de sequência discursiva e por tipo de tópico discursivo, observar questões de variações estilísticas e traços identidade social na comunidade de fala e controlar o contexto da ocorrência dos MDIs para verificar processos de convergência e divergência na acomodação linguística.
- d) Examinar a frequência distribucional de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** quanto ao grau de proximidade/distanciamento⁹ dos falantes na rede de interações, por meio de análise quantitativa e qualitativa do estilo de fala em resposta a uma gama variada de temas, controle do tópico discursivo e assunto abordado no tópico.

Os pressupostos teóricos de *Audience Design* (BELL, 2001, p.148) focam em questões de acomodação sociolinguística do eu (*self*) em resposta a outros, examina e procura explicar como os falantes negociam e estabelecem diálogos entre si de maneiras diferentes,

⁹ Em uma rede de interações, falantes com laços fortes de amizade, isto é, que pertencem ao mesmo grupo são indicados com grau Próximo e, falantes pertencentes a grupos diferentes, com laços fracos de amizade, são indicados com grau Distante (MENDONÇA: 2016, p.37).

dependendo das características de seus interlocutores, da sua própria autoapresentação (*self-presentation*), assim como de outros fatores na situação de fala¹⁰.

As análises desta pesquisa foram realizadas, observando a fala em interação de adolescentes e, isso em vista, o conceito de interação é considerado para além do processo de relação interpessoal, caracterizado no envolvimento falante com ouvinte ou vice-versa. É, também, processo de manifestação pessoal quando, por exemplo, o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, que pode envolver-se com próprio o conteúdo, em relação ao assunto do tópico discursivo ou, mesmo, comprometendo retoricamente o interlocutor (URBANO: 1999, p.198).

¹⁰ A essa análise, segue-se uma adaptação do modelo de teste de estilo proposto por Bell (2001, p.148).

5 A MULTIFUNCIONALIDADE DOS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS ENTENDEU?, SABE? E VIU? NAS INTERAÇÕES

A multifuncionalidade dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** (MARTELOTTA; LEITÃO, 1998; MARTELOTTA, 2004; VALLE, 2001, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2016) é conferida para delimitar as unidades discursivas e estabelecer relações funcionais entre essas unidades, proporcionando a coesão textual ao discurso e/ou orientando a interação. Nos contextos de emergência de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** da presente pesquisa, esses marcadores discursivos interacionais mostraram-se nas funções descritas abaixo e são exemplificados com dados da amostra. As tipologias utilizadas nas seções 5.1.2, 5.1.3 e 5.1.4 são reformulações propostas a partir dos estudos sobre os aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos, em Urbano (1999, p.195-258), e das discussões teórico-metodológicas realizadas acerca de estilo, sequência discursiva e tópico, em Freitag (2014, p.123-139).

✓ **Articulador discursivo:** propriedade de articular o tópico e a sequência argumentativa.

(12) CILA: *então eh eu sou contra o homem que proíbe a mulher **entendeu?** porque eu acho que isso é antiquado homens que nem que e também em relação a mulheres né? que se ajuntam se casam com homens pra depender do homem e pra ficar debaixo do mandato dele ela não poder nem ter o livre arbítrio de trabalhar de ingressar no trabalho de mercado no trabalho é no mercado de trabalho e então eu a- eu aconselho mulheres a antes de de se casar né ela ter a sua a sua vida independente ela buscar ela ir atrás dos seus objetivos de estudar.* (2015, MM, 17-17, U, D)

✓ **Back-channel:** propriedade de demonstrar o acompanhamento/monitoramento do ouvinte em relação às informações do falante.

(13) EVANY: *é a mesma coisa porque lá na rua uma vez tava bem assim tava eu e uma menina que ela é bem moreninha sabe? (...) aí aí passou um ca- aí passou um cara aí tava eu e ela aí também eu sou morena mas tava aí eu falei aí vinha um homem bem moreno **sabe?*** (2015, FF, 16-16, U, P)

✓ **Focalização de informações:** propriedade de convergir a informação para um ponto, ou foco, na informação da sequência discursiva.

(14) MARIÁ: *eu acho uma palhaçada uma palhaçada esse aumento desse ônibus **viu?** porque a qualidade de ônibus não está tão bom assim né tá terrível né amiga pra gente que pega ônibus todo dia é uma palhaçada.* (2015, FF, 18-17, U, P)

✓ **Introdução de tópico:** propriedade de introduzir um tópico, uma história.

- (15) CILA: *porque tem pessoas assim que ela se aproveita **entendeu?** minha mãe mesmo ela trabalha numa rodoviária vendendo passagem e aí nessa rodoviária tem uma mulher que vendia milho(...)* (2015, FF, 17-17, U, D)

Entrega/passagem de turno: propriedade de entregar ou alternar o turno.

- (16) MARIÁ: *rapaz olhe eu vou te contar uma história meu pai senta lá na porta lá na frente de casa senta lá né na frente de casa vê uma mulher passando com o meu tio Louro sabe? Vê uma mulher passando aí fica lá aquela olhe aquela ali tá ficando com sei lá quem então eu acho que homem também tem seu lado fofoqueiro não é só mulher homem também gosta muito de fofocar **viu?*** (2015, FF, 18-17, U, P)

- ✓ **Interrupção de informação:** propriedade de interromper a informação para mudança de tópico discursivo.

- (17) EVANY: ***viu?** próxima pergunta.* (2015, FM, 16-16, U, P)

- ✓ **Finalização de argumento:** propriedade de finalizar argumento, ponto de vista, opinião.

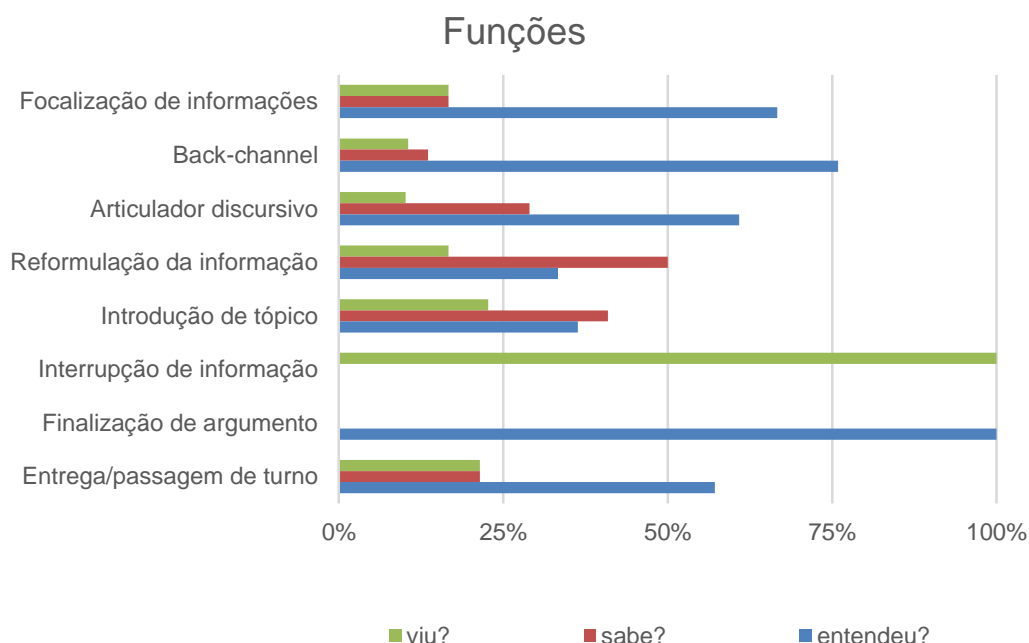
- (18) OTÁVIO: *claro que não sou marxista tanto homem como mulher tem o direito de trabalhar tem o direito de fazer o que bem quiser **entendeu?** é tanto a mulher não deve só ficar em casa fazendo comida pro marido chegar não esse tempo já acabou esse tempo nunca devia ter existido **entendeu?** o correto é os dois trabalhar cada um ser independente nunca depender do outro **entendeu?** porque depois que um vai embora fica como? fica sem nada **entendeu?** por isso os dois tem que ser independente trabalhar fazer tudo ajudar em casa os dois não ela só que eu acho certo é isso **entendeu?** e o que você acha sobre isso esperto?* (2015, MM, 17-17, U, P)

- ✓ **Reformulação da informação:** propriedade de reformular/reestruturar a informação dada.

- (19) EVANY: *que rivalidade não deixe eu ver um uma palavra **viu?** eh funcionário da biblioteca: na cadeira pode o que não pode é sentar no chão na cadei- aí eu avisei mas tudo bem na cadeira só olhei pra ver se tava. (...) eh oh fio ah é uma palavra inferioridade inferioridade.*

Na fala dos adolescentes das interações exemplificadas, os marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** apresentam aspectos multifuncionais, tais como, articular as informações e/ou os tópicos discursivos, marcar informações de fundo, acompanhar/monitorar a atenção do ouvinte, convergir a atenção do falante e/ou do ouvinte para um foco na informação dada, introduzir um tópico discursivo, entregar ou alternar o turno, interromper a informação para mudar ou alternar o tópico discursivo e finalizar o argumento. No gráfico 1, é possível visualizar a frequência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** em relação aos aspectos multifuncionais desses marcadores discursivos.

Gráfico 1. Frequência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** em relação aos aspectos multifuncionais



Ao estabelecer uma comparação entre os resultados de função em relação à frequência, gráfico 1, é possível observar os comportamentos distintos dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na comunidade de fala analisada. Ao ler o gráfico de função x frequência de **entendeu?**, da maior frequência para a menor, respectivamente, esse marcador exerce função de finalização de argumento, back-channel, focalização de informações, articulação discursiva e, em menor frequência, como introdução de tópico.

O marcador discursivo **entendeu?** apresenta a maior frequência entre todos os marcadores discursivos de base interacional aqui analisados: em 5 das 8 funções indicadas no gráfico **entendeu?** parece ter a preferência dos falantes como estratégia discursiva. A distribuição de **sabe?** e **viu?** apresenta equiparidade de frequência tanto na função de focalização de informações, como em entrega/passagem de turno. Entretanto, **sabe?** é mais produtivo que **viu?** nas funções de back-channel, na articulação discursiva, reformulação da informação e em introdução de tópico. Dois comportamentos destacáveis são de **viu?** que aponta frequência de 100% na função de interrupção de informação e **entendeu?**, com frequência de 100% em finalização de argumento.

A partir da leitura do gráfico 1, observa-se que os marcadores discursivos interacionais analisados são multifuncionais e podem atuar como elementos de coesão entre as partes do texto: funcionando como articulador discursivo, reformulador da informação, introdutor de tópico e finalizador de argumento e; apresentam caráter interpessoal, mantêm a interação falante/ouvinte, auxiliando no planejamento da fala, funcionando como back-channel e em entrega/passagem de turno. Com aspectos multifuncionais que emergem na fala pela dinâmica da interação, as funções dos marcadores discursivos **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** podem tornar-se intercambiáveis e/ou alternáveis, de acordo com as expectativas dos falantes.

Em relação aos planos expressivo e social, a multifuncionalidade de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** implica na alternância de estilo de fala na interação, tendo em vista que o expressivo e o social são a capacidade do falante de usar a linguagem para mostrar as identidades pessoais e sociais, transmitir atitudes, executar ações e negociar as relações entre ele e o ouvinte.

5.1 FREQUÊNCIAS DE USO DE **ENTENDEU?**, **SABE?** E **VIU?** EM RELAÇÃO ÀS VARIÁVEIS SEXO/GÊNERO

Investigar a frequência dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de interação quanto às variáveis sexo/gênero é um dos critérios considerados na presente pesquisa. Quanto aos estudos de variável sexo/gênero no campo dos marcadores discursivos de natureza verbal **entende?** e **sabe?**, auxiliam na observação da frequência desses marcadores discursivos a amostra VARSUL/CHAPECÓ¹¹, apontando 85% de frequência de uso de **sabe?** por falantes do sexo feminino e, frequência de 88% por falantes do sexo masculino. Quanto à frequência de **entende?**, os resultados de Trapp (2014, p.121) mostraram frequência de uso de 15% por falantes do sexo feminino e, frequências de 12% de uso por falantes de sexo masculino.

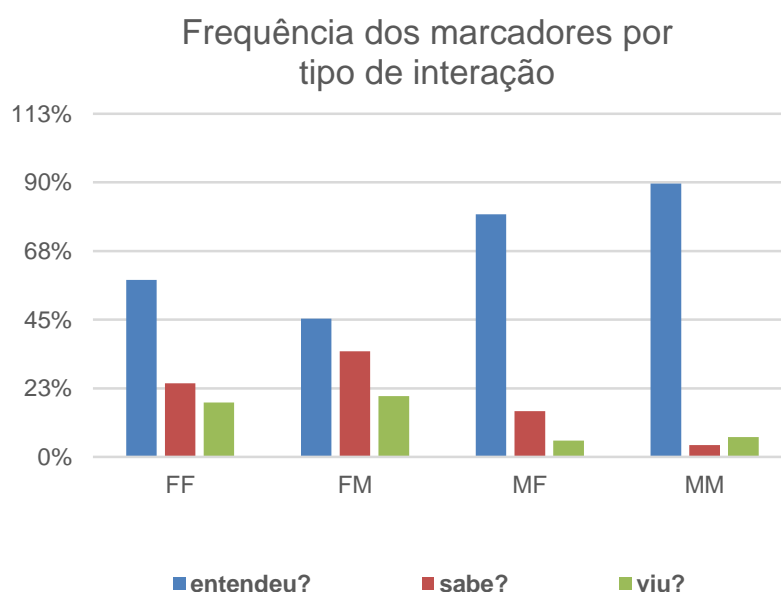
Análises semelhantes foram realizadas por esta pesquisa para os estudos dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** com base no banco de dados *Falares Sergipanos*. Os resultados obtidos pelas frequências de uso desses marcadores discursivos interacionais na relação entre as variáveis sexo/gênero dos falantes da amostra são representados no gráfico 2. As variáveis controladas são representadas no gráfico conforme as legendas a seguir:

¹¹ Trapp (2014) realizou pesquisas acerca do funcionamento e da ocorrência de **entendeu?** e **sabe?** na fala de santa-catarinenses, especificamente, no município de Chapecó e na capital Florianópolis.

- ✓ **FF** = Interação Feminino x Feminino
- ✓ **MM** = Interação Masculino x Masculino
- ✓ **FM** = Interação Feminino x Masculino
- ✓ **MF** = Interação Masculino x Feminino

A diferença entre interações FM e MF recai sobre quem domina o tópico, isto é, quem inicia a interação. Se a interação é iniciada por uma falante do sexo feminino, dominando o tópico, lê-se FM. Se a interação é iniciada por um falante do sexo masculino, dominando o tópico, lê-se MF.

Gráfico 2. Frequência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** em relação às variáveis sociais sexo/gênero por tipo de interação



Os resultados da frequência dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** em relação às variáveis sociais sexo/gênero indicam que o marcador discursivo interacional **entendeu?** tem maior ocorrência em todas as variáveis sociais controladas. Tanto os homens como as mulheres fizeram uso com maior frequência desse marcador discursivo interacional e de forma mais recorrente dentro do quadro de aplicação para cada grupo. Em seguida, o marcador mais utilizado é **sabe?**, com frequência superior a **viu?** em interações que envolvem falantes femininos. Tanto nas variáveis FF, FM como MF o

marcador discursivo de base interacional **sabe?** apresenta forma mais distribuída, em contraste com a variável MM, onde os homens preferem fazer maior uso do marcador discursivo **viu?**.

Esses resultados parecem indicar que o marcador discursivo interacional **entendeu?** está fortemente relacionado à variável sexo/gênero na amostra analisada. É possível observar que tanto nas interações simétricas, com falantes do mesmo sexo/gênero, como nas interações assimétricas, interações entre falantes de sexo/gênero diferentes, parecem ser contextos mais propícios ao uso desse marcador discursivo de base interacional. Entretanto, os marcadores **sabe?** e **viu?** apresentam frequências de uso distintas.

A segunda forma de maior preferência foi **sabe?**, sobrepondo o emprego desse marcador discursivo interacional em variáveis envolvendo falantes do sexo feminino. Esse resultado sugere que, quando a interação ocorre tanto entre mulheres (FF) como entre mulheres e homens (FM e MF), os homens tendem a acomodar sua fala para se aproximarem do seu ouvinte e/ou alternarem seu estilo de fala para obter a aprovação dos participantes da interação. Isso pode ser melhor conferido quando direcionamos o olhar para o desempenho de **viu?** que apresentou representatividade maior sobre **sabe?** quando a interação foi somente entre homens (MM).

Nas interações MM, os homens, entre eles, preferem o uso do marcador discursivo interacional **viu?** e esse resultado sugere um processo de acomodação linguística com indícios de reconhecimento do falante como membro de um grupo específico.

5.2 FREQUÊNCIAS POR TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA E TÓPICO DISCURSIVO

Com a finalidade de observar variedades estilísticas e traços de identidade social na fala em interação de adolescentes escolares, faz parte dos critérios desta pesquisa analisar a distribuição de frequências por tipo de sequência discursiva e a distribuição de frequências por tipo de tópico discursivo. Essas análises são descritas e discutidas nesta seção.

5.2.1 Distribuição de frequências por tipo de sequência discursiva

As sequências discursivas, embasadas em Urbano (1999, p.195-258), que foram mais produtivas na amostra de dados estão descritas abaixo e, seguidas de excertos de exemplificação:

- ✓ **ARGUMENTAÇÃO:** sequência discursiva em que o falante expõe, justifica, defende seus pontos de vista e opiniões.

(20) **DANILO:** *na globo e e isso é uma exposição a partir do momento que você se expõe você está sujeito a críticas eu acho que não de- num devia ser exposto do jeito da maneira que tá sendo mas sim através de informações nas escolas de outro de qualquer outra forma mas não do jeito que tá porque as críticas são muitas **entendeu?** Aí eu acho que vem de cada pessoa também se você que se expor se exponha agora esteja cheio pra críticas e aguenta as críticas que vão vir eu mesmo não gosto de mim expor de jeito nenhum.* (2015, MF, 17-17, U, D)

- ✓ **DIALOGAL:** sequência discursiva em que os momentos de interação e trocas de turno entre falante e ouvinte ficam evidentes.

(21) **EVANY:** *olha tava contando.*
GLEICE: *vá conte sua história.*
EVANY: *aí todo dia quando eu chego em casa **sabe?** aí eu tomo banho fico lá esperando começar malhação assistindo cobras*
GLEICE: *e lagartos.*
EVANY: *é.* (2015, FF, 16-16, U, P)

- ✓ **NARRAÇÃO:** relatar fatos e acontecimentos, reais ou fictícios, vividos por indivíduos, envolvendo ação e movimento. Inclui personagem, ambiente, momento. Considera-se, também, dentro do escopo da narração, para os fins desta pesquisa, as narrativas episódicas de sequências discursivas em que o falante conta um fato pontual, um episódio.

(22) **OTÁVIO:** *só no primeiro ano que eu saí mais cedo mais meu colega aí a gente tava aí saiu mais cedo a gente fugiu né? saiu mais cedo aí a gente viu seis seis malaca meu velho aí a gente pensou que não ia ser roubado não **entendeu?** aí uma senhora de idade passou na nossa frente aí num foi roubada aí foi história meu celular também não aí quando foi a gente aí eles cercaram fizeram um círculo **entendeu?** aí pediu o celular tava no nosso bolso já o celular.* (2015, MM, 17-16, U, D)

- ✓ **PERGUNTA:** quando a sequência discursiva é uma pergunta direta.

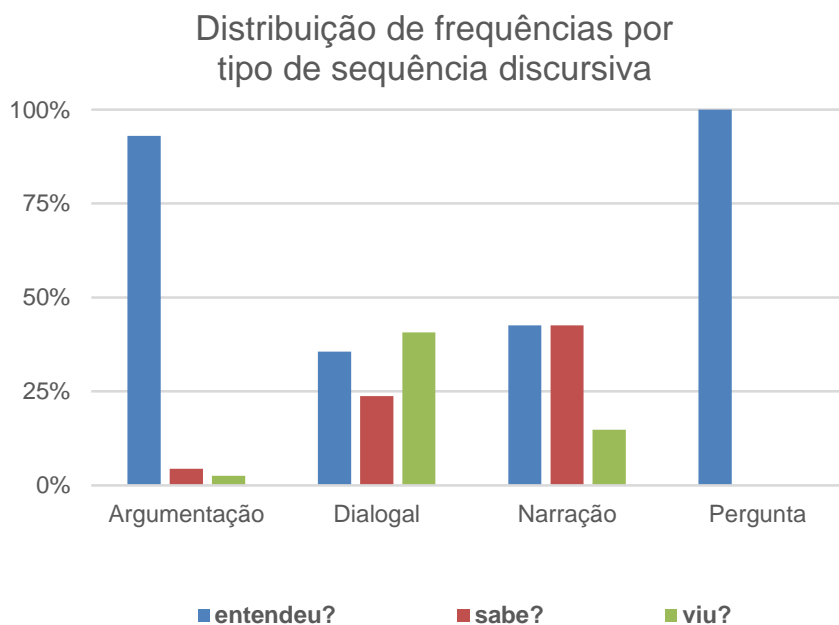
(23) **CILA:** *eh o sistema educacional aqui no Brasil ele é muito precário ainda né? e assim cabe a educação ser eh ser prioridade do governo a educação é a prioridade do governo fala aqui mas assim também cabe a sociedade eh a sociedade cobrar e fiscalizar do governo pedir pra que o governo cobrar mesmo **entendeu?** o que é*

que você acha sobre a educação? se realmente a sociedade que deve cobrar e fiscalizar do governo? (2015, FF, 17-17, U, D)

Para analisar os estilos de fala, Coupland (2001, p.201) atribui a uma perspectiva motivacional humana para explicar o uso de estilos, que não são apenas “condicionados pela situação”, mas que a variação de estilo co-ocorre com a variação no tópico, no canal ou na participação (COUPLAND, 1980 **apud** COUPLAND, 2001; BELL 1984), em acordo com as próprias identidades do falante. Para seguirmos com essa perspectiva de análise do tópico é necessário, primeiro, observar como se dá a distribuição de frequências por tipo de sequência discursiva para, depois, investigar as questões do “tópico *versus* efeitos no ouvinte” proposto por Coupland (2001, p.201).

O gráfico 3 mostra a distribuição de frequências de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de sequência discursiva com as porcentagens obtidas para cada uma das quatro sequências discursivas controladas.

Gráfico 3. Distribuição de frequências dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de sequência discursiva



No gráfico, vê-se que o marcador discursivo de base interacional **entendeu?** tem domínio de 100% em sequência discursiva de Pergunta, seguida pelo tipo Argumentação, onde **sabe?** e **viu?**, respectivamente, têm representatividade mínima de ocorrências diante de **entendeu?**. Em sequência discursiva tipo Dialogal, o marcador discursivo **viu?** apresenta

maior preferência de uso em relação a **entendeu?** e **sabe?**, respectivamente. No tipo sequência discursiva de Narração há uma equiparidade entre **entendeu?** e **sabe?** seguido por **viu?**.

A leitura dos resultados obtidos em tipo Dialogal e tipo Narração, os marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** apresentam-se de forma mais distribuída, em contraste com os resultados nos tipos Argumentação e Pergunta, atentando-se para o comportamento de **viu?** no tipo Dialogal, cuja frequência supera a de **entendeu?** e **sabe?** e, o comportamento inverso no tipo Narração, em que **sabe?** tem a preferência dos falantes em relação a **viu?**, que se iguala à frequência de **entendeu?**.

Essa leitura sugere que, nos diálogos, os falantes optam por escolher um estilo de *fala casual* (LABOV: 2008 [1972], p.102), um padrão de fala que emerge e ocorre tanto em contextos de tópicos discursivos mais formais (mais complexos) como em contextos informais (menos complexos) na amostra de dados aqui analisada. No tipo de sequência discursiva Narração, o comportamento de **entendeu?** e **sabe?** apresenta uma produção equilibrada. É um resultado distributivo que indica que, ao narrar fatos de uma história ou acontecimentos de um evento, geral ou específico, fictícios ou não, o falante alterna a atenção que ele dá à sua fala em relação à pessoa ou ao grupo com quem está interagindo.

As funções do marcador discursivo interacional **sabe?** mais produtivas na amostra de dados foram a de reformulação de informação e de introdução de tópico e esse resultado propõe um padrão de estilo de fala mais formal em sequências discursivas de Narração, que pedem que o falante alcance uma atenção maior do ouvinte na interação, e, assim, uma maior aproximação com o tópico discursivo e o(s) participante(s) da interação.

Dos 4 tipos de sequências discursivas nas quais ocorrem as frequências de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** controladas, **entendeu?** é destaque no tipo Argumentação e Pergunta. Esse comportamento sugere que o verbo “entender” tem seu funcionamento para além de suas naturezas gramaticais, fazendo emergir significados com base em operações mentais¹² para a elaboração de ideias e conceitos e externalizar atitudes dos falantes. Em todas as ocorrências do tipo de sequência discursiva Pergunta na amostra de dados, antes de chegar-se à pergunta de fato há uma introdução argumentativa do assunto.

¹² De acordo com Castilho (1989), os verbos “saber” e “entender” compreendem a classe semântica dos verbos cognitivos e são ordenados em subcategorias: “saber” e “entender” pertencem ao grupo dos verbos epistêmicos ou cogitandi.

Esses resultados podem sugerir que as ocorrências de **entendeu?**, em Argumentação e em Pergunta, estão intrinsicamente relacionadas com as funções apresentadas por esse marcador discursivo de base interacional. Tanto no tipo de sequência discursiva Argumentação como no tipo Pergunta, a interface entre a linguagem e o contexto pragmático no momento da interação pode requerer que o falante exponha e/ou justifique seus pontos de vista e opiniões para alcançar o resultado esperado entre o falante e seu ouvinte/audiência.

Nesse processo interacional, as funções de **entendeu?**, no tipo Argumentação e no tipo Pergunta, estão relacionadas a fatores internos e externos e a acomodação da fala é o processo em direção a um padrão de uso condicionador. Os resultados sugerem uma relação entre os tópicos discursivos e os efeitos resultantes nos ouvintes, isto é, as influências no estilo da fala devido à orientação do falante – atenção direcionada à fala, ao ouvinte ou ao próprio falante. A atitude para com os ouvintes e os efeitos da variação estilística no ouvinte também são relações da variação no estilo de fala (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991; 2001; BELL, 1984; 2001).

Ao colocar a audiência no centro da produção estilística, Bell (1984; 2001) explica que a variação estilística pode ser uma resposta ao público real, principalmente, em relação ao ouvinte participante da interação, mas, também, a públicos terceiros (ouvintes indiretos) e que a aparente influência da mudança de tópico é, na verdade, devido à associação dos tópicos com os tipos de audiência (público).

5.2.2 Distribuição de frequências por tipo de tópico discursivo

Para examinar o comportamento dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na relação “tópico *versus* efeitos no destinatário” (COUPLAND, 2001, p.201), esta pesquisa extraiu, primeiro, os tópicos discursivos mais produtivos nas interações, indicados no quadro 4 e, depois, a distribuição de frequências dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de tópico discursivo, representada no gráfico 4:

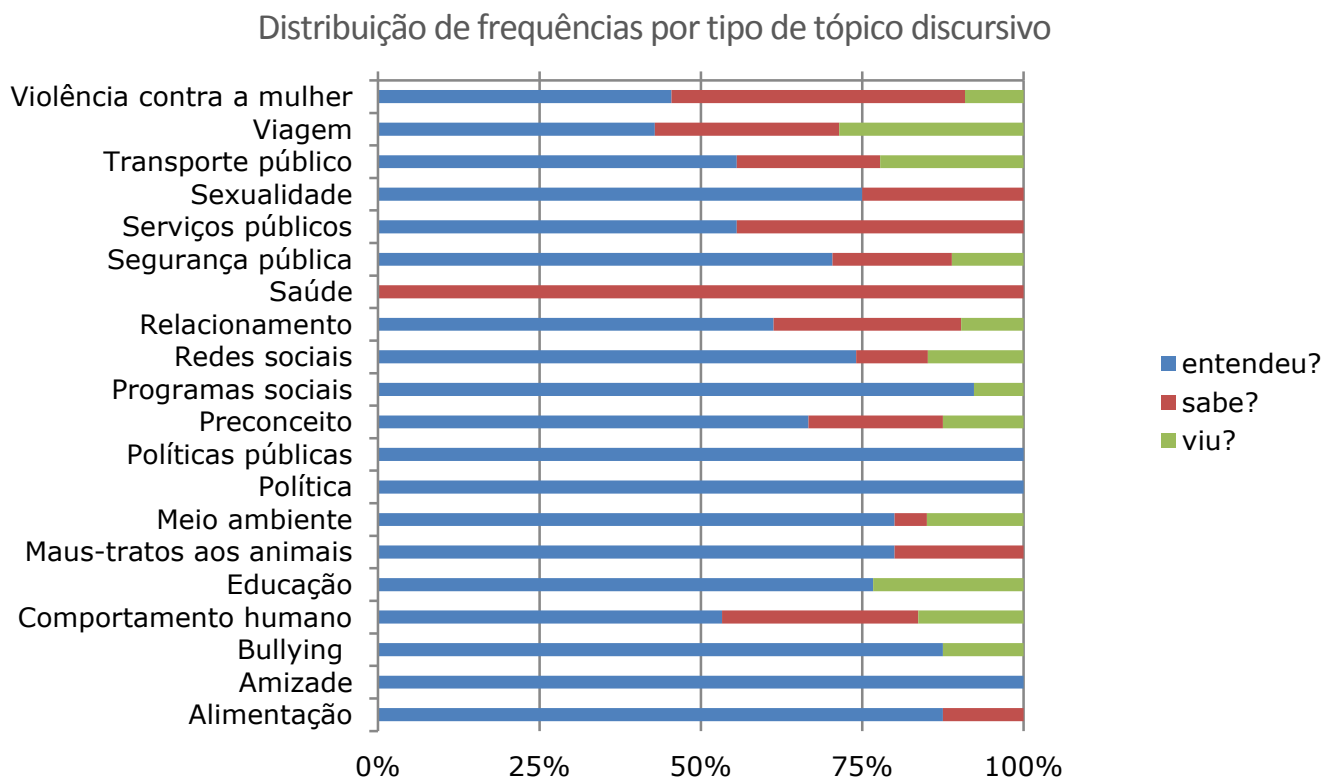
Quadro 4. Quadro de tópicos discursivos e temas abordados nos tópicos

| TIPO DE TÓPICO DISCURSIVO | TEMAS ABORDADOS NO TÓPICO |
|---------------------------|---------------------------|
|---------------------------|---------------------------|

| | | | | | |
|---------------------------|--|--|---|--|------------------------|
| Políticas Públicas | Sistema de cotas | Direitos dos homossexuais | | | |
| Segurança Pública | Assalto | Falta de segurança | | | |
| Preconceito | Racial | Sexual | Religioso | Social | Cultural |
| Programas sociais | Bolsa família | | | | |
| Comportamento humano | Relacionamento fora do círculo de conhecidos | Facilidade de fazer amizades | TPM | Atitudes na aula/escola/uso de celular na sala | Exposição do indivíduo |
| Relacionamento | Pais e Filhos | Maridos e esposas | Casais | Igualdade doméstica | Família |
| Meio ambiente | Seca | Lixo | Mudança climática | | |
| Educação | Sistema escolar | Escola | Professores | Aulas | ENEM |
| Serviços públicos | Hospitais | Creches | | | |
| Bullying | Aparência física | | | | |
| Transporte público | Condições operacionais | Preço da tarifa | | | |
| Maus-tratos aos animais | Espancamento de animal | Abandono | | | |
| Viagem | Experiência de férias | Locais turísticos | | | |
| Política | Corrupção | Descaso das instituições públicas | Falta de investimento social, educacional | | |
| Amizade | Manutenção | Fim de relacionamento | Duração de amizade | | |
| Alimentação | Cuidados com alimentação | Cobrança para uma alimentação saudável | Controle alimentar | | |
| Violência contra a mulher | Agressão física, psicológica | Lei Maria da Penha | | | |
| Redes Sociais | Utilidade da Internet | Utilidade dos aplicativos | | | |
| Sexualidade | Sexualidade na adolescência | Gravidez | | | |

A seguir, o gráfico representando a distribuição de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de tópico discursivo.

Gráfico 4. Distribuição de frequências dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de tópico discursivo



A frequência obtida por tópico discursivo de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, representada no gráfico 4, indica que o marcador **entendeu?** teve maior ocorrência em relação a **sabe?** e **viu?**, respectivamente, em todos os tipos de tópicos discursivos, exceto, quando os falantes discorrem sobre o tema Saúde, tópico cuja preferência de uso recai sobre o marcador discursivo **sabe?**. No gráfico 4, vê-se que os três marcadores discursivos **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** compartilham entre si o uso nos tópicos Comportamento humano, Meio ambiente, Preconceito, Redes sociais, Relacionamento, Segurança pública, Transporte público, Viagem e Violência contra a mulher, sendo que, no tópico Viagem, o comportamento de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** apresenta-se equilibrado. Ao tratarem dos tópicos Amizade, Política e Políticas públicas, os falantes empregaram frequência de 100% do marcador discurso interacional **entendeu?**.

Subjacentes às alternâncias de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, no gráfico 4, ou seja, ao que está implicando na relação “tópico *versus* efeitos no destinatário”, esses resultados podem indicar uma “redução de dessemelhanças linguísticas”, isto é, um comportamento de convergência da fala entre os falantes (GILES; COUPLAND; COUPLAND: 2001 p.201), já que, na teoria da acomodação, a convergência da fala tem demonstrado refletir os objetivos de "promover a aprovação social" e "promover a eficácia da comunicação", diferentemente, da

"divergência", que tem demonstrado se relacionar com o objetivo de "promover particularidades/especificidades intergrupais".

Os casos de **entendeu?** e **sabe?** são bastante interessantes devido às preferências de uso desses marcadores interacionais nos tópicos discursivos Política, Políticas Públicas e Saúde. O uso do marcador discursivo interacional **sabe?**, que apresenta frequência de 100% no tópico Saúde, pode ser explicado pelas expectativas do falante em direcionar sua atenção mais ao tema, quando o falante dá um maior “grau de espontaneidade ou entusiasmo” (LABOV: 2008 [1972], p.102) ao discorrer sobre as próprias experiências pessoais em relação à sua própria saúde, como é possível observar no exceto (24) a seguir:

- (24) CILA: *já eu sofro com isso aí que vergonha sofro quando eu fico muito nervosa eu não consigo me controlar eu solto gases muito muito é ((RISOS)) e aí lá na sala é uma comédia porque todo mundo ria disso uma vez eu fui apresentar um trabalho de inglês e era pra cantar uma música em inglês e aí eu tava em pé e a professora do meu lado tava sentada e praticamente minha bunda tava perto da professora da cara da professora e aí eu tava muito nervosa eu acabei soltando uma gase aí eu não consegui controlar ((RISOS)) foi muito engraçado todo mundo começou a rir a professora de boa **sabe?** ela riu e saiu de perto de mim mas foi de boa. (2015, FF, 17-17, U, D)*

Esse condicionamento estilístico ocorre pelo processo de convergência da fala (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991, p.7), no qual o falante se adapta aos comportamentos comunicativos do ouvinte, em termos de uma ampla variedade de recursos prosódico-linguísticos, para reduzir as diferenças sociais. É uma estratégia de identificação dos padrões de comunicação internas de um indivíduo, ou de um grupo, para a interação.

Quanto ao comportamento do marcador discursivo de base interacional **entendeu?**, que apresenta 100% de frequência nos tópicos discursivos da amostra de dados que envolvem política, seja política geral, ou específica, como em Políticas Públicas, **entendeu?** mostra um comportamento de divergência da fala, de acordo com as expectativas do falante em relação ao seu interlocutor, porque, ao discorrer sobre política, esse tema recai sobre grupos específicos de indivíduos de uma dada sociedade, como no tópico discursivo observado no excerto (25) a seguir:

- (25) CILA: *eh o que você e o que você acha dos direitos dos homossexuais as leis que foram lançadas?*
 JACK: *eu acho que como eu não sou nem a favor nem contra eu não tenho o que falar **entendeu?*** (2015, FF, 17-17, U, D)

Isso se explica porque o processo de divergência pode assumir aspectos verbais e não verbais e ocorre quando as pessoas alternam sua fala para manter a integridade, a distância ou a identidade no nível de identidade pessoal ou de grupo (GILES; COUPLAND; COUPLAND. 1991, p.8). É uma estratégia de identificação com as normas comunicativas linguísticas de algum indivíduo, ou grupo, em referência à situação externa imediata.

Ao analisar a distribuição de frequências por tipo de tópico discursivo à luz da acomodação linguística, a relação “tópico *versus* efeitos no destinatário” os resultados sugerem que, se o falante acomoda seu estilo de fala, isto é, seu modo de falar, para alcançar aprovação social, isso acontece através do que Coupland (2001, p.201) diz ser a “projeção de uma versão da autoidentidade” do falante que, de alguma forma, “é consistente com” a de um interlocutor.

Essa projeção, em termos de Bell (1984; 2001), não significa, necessariamente, reduzir diferenças entre as características de fala dos participantes na interação. Na *Audience Design* os participantes podem adaptar sua fala, projetando uma identidade que pode ser “compatível ou complementar” (COUPLAND, 2001, p.201) a de um grupo social, ou de um indivíduo, para promover uma distinção que poderá implicar em, muitas vezes, projetar uma identidade alinhada à de algum grupo fora do próprio grupo do falante.

Nessa perspectiva, extrair as distribuições de frequências por tipo de sequência discursiva e por tipo de tópico discursivo foi um método quantitativo que tornou possível correlacioná-lo a uma análise qualitativa para observar o comportamento de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**. Para realizar a análise da variação desses marcadores discursivos interacionais, detectar as frequências das ocorrências de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** da amostra de dados de uma comunidade de fala foi essencial para observar como e por que – tipo de sequência discursiva x tipo de tópico discursivo – os falantes ajustam sua fala, tendo em vista a influência dos tópicos sobre as expectativas e as atitudes do falante em relação ao ouvinte.

O estudo de aspectos estilísticos desta pesquisa considera que os falantes da comunidade de fala do Colégio Estadual Atheneu Sergipense compartilham a concepção de serem membros de um grupo social e compreende que as características da fala são utilizadas como base para a projeção de um estilo adequado ao ouvinte. O modelo de *Audience Design* (BELL: 1984, 2001) pressupõe que os falantes conhecem a variação do comportamento linguístico de diferentes grupos sociais em uma comunidade de fala maior, sendo o ouvinte, então, percebido e categorizado como um representante desse grupo.

A partir desse ponto de vista, uma importante correlação entre teoria e amostra de dados foi analisar a frequência distribucional dos marcadores discursivos interacionais em

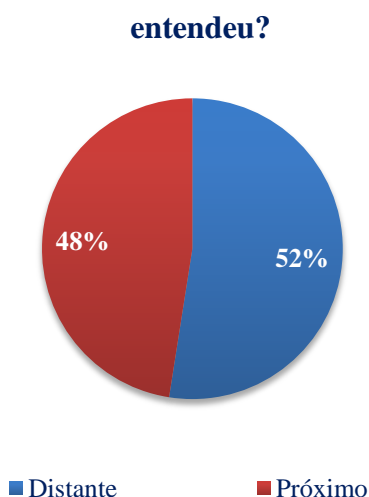
questão, quanto ao grau de proximidade (P) ou distanciamento (D) dos membros dessa comunidade de fala.

5.3 DISTRIBUIÇÃO DE **ENTENDEU?**, **SABE?** E **VIU?** QUANTO AO GRAU DE PROXIMIDADE/DISTANCIAMENTO

Examinar a frequência distribucional de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** com relação à proximidade (P) / distanciamento (D) dos falantes na rede de interações como critério de análise da acomodação linguística é observar como esses marcadores discursivos interacionais são usados nas interações, tendo em vista a relação falante/ouvinte.

O grau Próximo (P) indica que os falantes têm laços fortes de amizade, ou seja, são do mesmo grupo; o grau Distante (D) indica que os falantes têm laços fracos de amizade, isto é, pertencem a grupos diferentes (MENDONÇA, 2016, p.37). Os gráficos 5 e 6, a seguir, apresentam a distribuição geral de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** quanto ao grau de proximidade dos falantes, vejamos:

Gráfico 5. Distribuição geral do marcador discursivo interacional **entendeu?** quanto ao grau de proximidade /distanciamento



O gráfico 5 mostra os resultados gerais de **entendeu?** quanto ao grau de proximidade/distanciamento e apresenta equiparidade na distribuição de frequência. As frequências dos usos foram bem próximas: frequência de 48% de **entendeu?** entre falantes de grau Distante e; frequência de 52% entre falantes de grau Próximo.

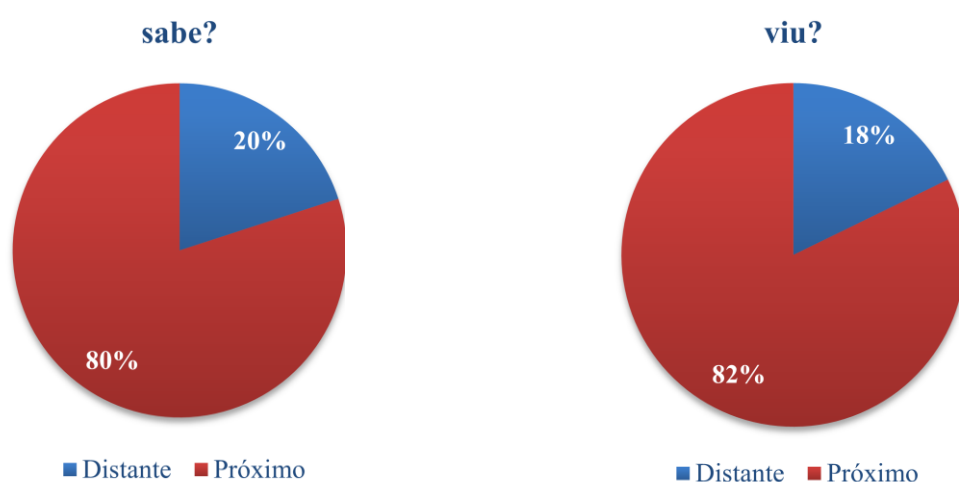
Esse resultado sugere que o uso do marcador discursivo de base interacional **entendeu?** é uma estratégia pela qual os falantes se baseiam nos recursos linguísticos disponíveis em sua comunidade de fala para responder a diferentes tipos de público, independente se têm, entre si, laços fortes de amizade (Próximo) ou laços fracos de amizade (Distante).

O uso de **entendeu?**, nesse caso, pode representar o que a *Audience Design* diz a respeito da visão do estilo que é, “em última instância, derivada da visão da natureza da pessoa. Por trás da *Audience Design* está uma afirmação forte e geral de que o caráter de mudança de estilo (intrafalante) deriva em um nível subjacente a partir da natureza das diferenças de linguagem entre as pessoas (interfalante)” (BELL, 2001, p.142).

Essa premissa incide sobre o uso de **entendeu?** e as relações interpessoais e intergrupais da amostra de dados, onde esse marcador discursivo interacional manifesta-se de maneira ativa e interativa e atua nas relações que podem envolver duas ou mais pessoas, relações interpessoais e em diferentes tipos de grupos, relações intergrupais, na mesma comunidade de fala.

Diferentemente de **entendeu?**, os resultados das frequências de uso dos marcadores de base interacional **sabe?** e **viu?** mostram que esses itens linguísticos apresentam comportamentos muito próximos quanto às suas distribuições gerais e o grau de proximidade/distanciamento envolvido, que podem ser visualizados no gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6. Distribuição geral dos marcadores discursivos interacionais **sabe?** e **viu?** quanto ao grau de proximidade /distanciamento



O gráfico 6 mostra que o resultado geral de **sabe?** e **viu?** quanto ao grau de proximidade/distanciamento aponta para percentuais de uso muito próximos desses

marcadores discursivos de base interacional. **Sabe?** apresenta frequência de 20% entre falantes de grau Distante e, frequência de 80% entre falantes de grau Próximo. **Viu?** mostra um resultado de frequência de 18% entre falantes de grau Distante e, 82 % entre falantes de grau Próximo.

Ao comparar os resultados de **sabe?** e **viu?**, verifica-se que esses marcadores discursivos de base interacional foram as formas mais produtivas entre falantes de grau Próximo. A relação entre frequência de **sabe?** e **viu?** e grau de proximidade/distanciamento corresponde com o uso desses marcadores discursivos interacionais por públicos de laços de amizade fortes e pode ser associada a traços linguísticos de grupos sociais particulares, como indícios de identidade intergrupala.

A especificidade do uso de **sabe?** e **viu?** está relacionada à acomodação da fala, cujos efeitos são atribuídos à convergência linguística que se processa em associação com as percepções do ouvinte, do falante e das relações falante/ouvinte. “Esses efeitos dependem dos graus de semelhança/dessemelhança entre o estilo acomodado do falante e o estilo próprio do ouvinte (COUPLAND: 2001, p.200). Os comportamentos de **sabe?** e **viu?** correspondem com o processo de convergência da acomodação da fala e podem ser observados como uma referência de estilo do grupo social estratificado na amostra de dados desta pesquisa.

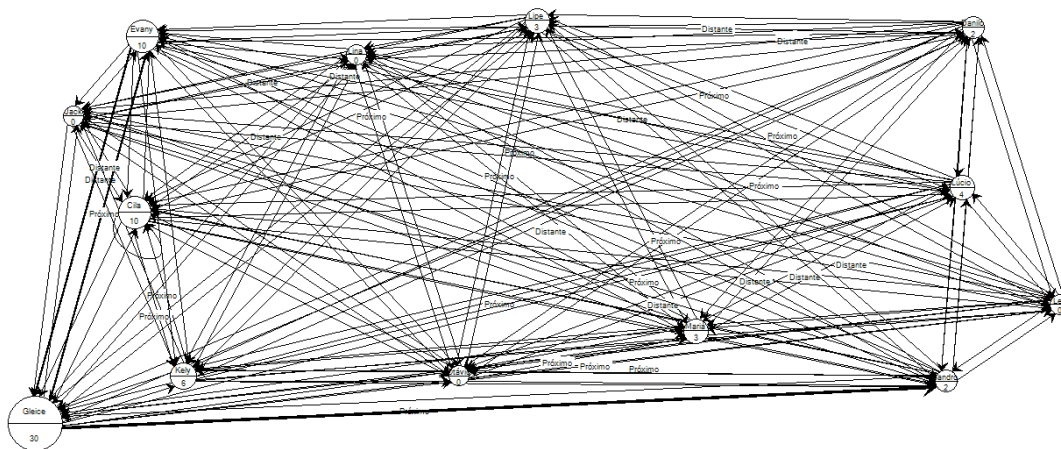
5.4 PROJEÇÕES DE **ENTENDEU?**, **SABE?** E **VIU?** NA ACOMODAÇÃO DA FALA

Com o intuito de observar como ocorrem as projeções dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** no processo de acomodação linguística e à luz da *Audience Design*, esta pesquisa observou, por meio de grafos, as relações entre as ocorrências dos marcadores discursivos de base interacional **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** no conjunto das interações da amostra de dados. Em linhas gerais, por Recuero (2009, p.20), grafo é a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós.

A teoria dos grafos é uma parte da matemática aplicada que se dedica a estudar as propriedades dos diferentes tipos de grafos e essa representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas. Por exemplo, podem ser representados por um grafo um conglomerado de rotas de voo e seus respectivos aeroportos, um conjunto de órgãos e suas interações, assim como, um conjunto de indivíduos e suas interações.

Para os propósitos desta pesquisa, os grafos são representados da seguinte maneira: círculos, que contêm o nome do falante e a quantidade de ocorrências do marcador discursivo em questão e; setas, que indicam as direções do marcador discursivo no conjunto das

Grafo 2. Projeções de **sabe?** na relação entre ocorrências e conjunto de interações

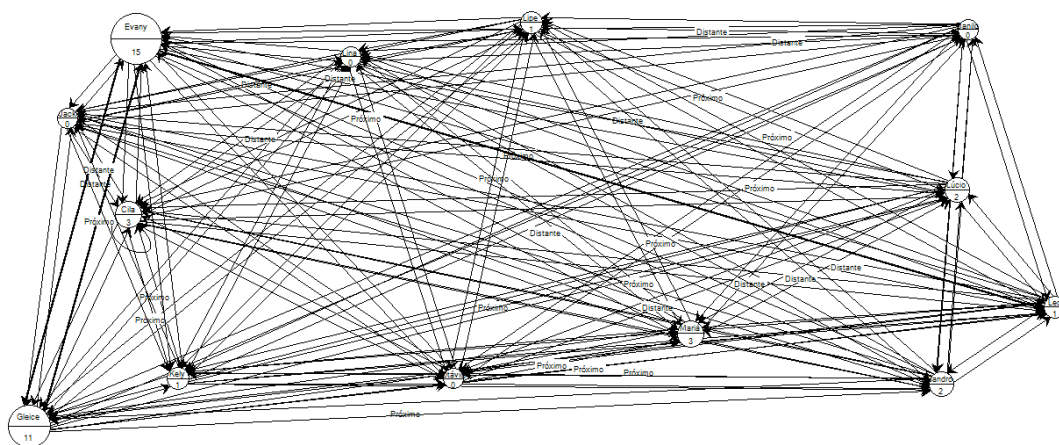


No grafo 2, a projeção de **sabe?** na relação entre as ocorrências e o conjunto de interações indica que a frequência de uso desse marcador discursivo de base interacional é maior no círculo de Gleice, 30 ocorrências, e a seta direcional iniciada por ela percorre toda a margem exterior da rede em direção à direita, até Sandro, e projeta-se pela rede de interações.

A orientação das setas percorridas pelo marcador discursivo **sabe?** indica que os caminhos tomados por **sabe?** estão relacionados com o grau de proximidade/distanciamento entre os participantes da rede, na qual a malha construída pelas setas preenche de modo distribucional quase toda a área interna da rede de interações.

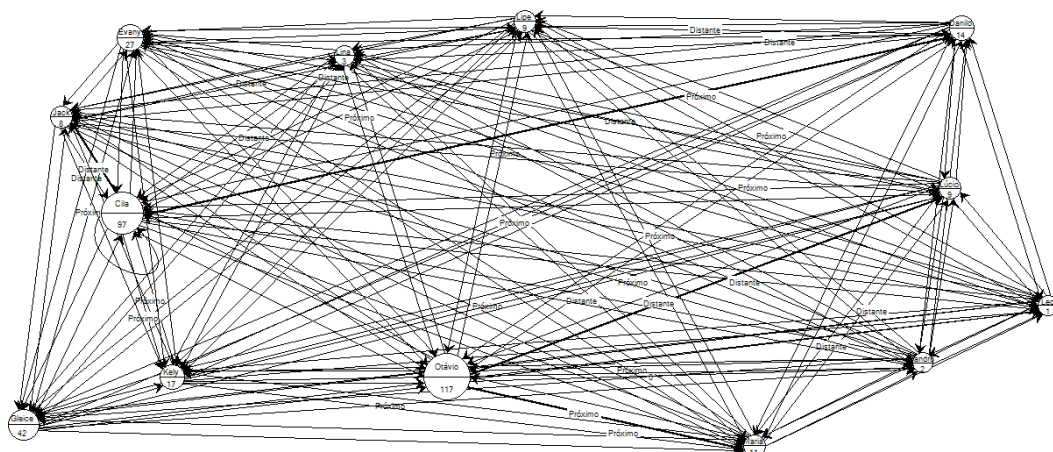
Nessa perspectiva, pressupõe-se que o padrão de fala colocado em uso nesta interação resulta da aplicação de estratégias comunicativas realizadas pelo processo de acomodação de cada falante que associa as relações interpessoais e intergrupais, resultantes das projeções por setas direcionadas de **sabe?** por participantes de grau de proximidade Próximo.

Grafo 3. Projeções de **viu?** na relação entre ocorrências e conjunto de interações



No grafo 3, a projeção de **viu?** na relação entre as ocorrências e o conjunto de interações indica que a frequência de uso desse marcador discursivo interacional é maior no círculo de Evany, 15 ocorrências, e a seta direcional iniciada por ela percorre toda a margem exterior da rede. Destaca-se também o comportamento de **viu?** entre Evany, 15 ocorrências e Gleice, 11 ocorrências, cujas setas têm orientação bidirecional projetando o caminho de ida e volta do marcador discursivo interacional **viu?**. Esse comportamento de caminho duplo do marcador discursivo na interação está relacionado com o grau de proximidade entre as participantes da rede de interações.

Grafo 4. Projeção geral de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na relação entre ocorrências e conjunto de interações



No grafo 4, a projeção de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na relação entre as ocorrências e o conjunto de interações indica que a frequência de usos desses marcadores discursivos interacionais é maior no círculo de Otávio, 117 ocorrências, e de Cila, 97 ocorrências. As setas direcionais iniciadas por eles percorrem a malha da rede, com destaque para as setas de

caminho duplo que constroem pontes de compartilhamento dos marcadores **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** entre os falantes.

Para a leitura do grafo 4, é importante destacar que o emprego dos marcadores discursivos **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** apresenta particularidades subjacentes que podem determinar a convergência ou divergência da fala, tais como, o tópico discursivo, a relação sexo/gênero, os tipos de sequência discursiva, o tópico e as funções de cada marcador discursivo interacional, além do grau de proximidade/distanciamento que podem ser visualizados no grafo.

O grau de proximidade/distanciamento na rede de interações é relevante porque pessoas de diferentes grupos sociais têm características linguísticas diferentes, ou as mesmas características, mas, em diferentes proporções. Dessa forma, fazem uso dessas diferenças na escolha da sua variação de estilo, acomodando seu estilo de acordo com suas metas, objetivos e a sua audiência. A análise da variação estilística de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** sugere que as frequências de uso desses marcadores discursivos interacionais na amostra de dados da comunidade de fala foram essenciais para observar como e por que os falantes ajustam sua fala durante as interações.

Os resultados sugerem, igualmente, que o uso desses marcadores discursivos de base interacional está relacionado à sua multifuncionalidade e às influências que os tópicos discursivos podem exercer sobre as expectativas e o processo de acomodação da fala do falante em relação ao seu ouvinte. Essas influências, que podem afetar a alternância de estilo de fala, são resultados da associação do tópico discursivo com os tipos de audiência nas interações, o grau de proximidade/distanciamento entre os falantes na rede de interações, e/ou grupos particulares envolvidos na interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo estudar os marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na fala de adolescentes escolares do Colégio Estadual Atheneu Sergipense, localizado na cidade de Aracaju, estado de Sergipe. À luz da abordagem da acomodação linguística e identidade social, pelo viés da Sociolinguística, foi possível observar como os falantes ajustam sua fala ao usar esses marcadores discursivos durante as interações.

Ao observar o uso de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na fala dos adolescentes, fatores linguísticos e extralinguísticos que refletem nas alternâncias de fala do falante, do ouvinte, ou dos grupos envolvidos na interação foram considerados. Os fatores que influenciam a variação linguística, Bell (1984, p.146), são; o linguístico, que engloba os aspectos fonológicos, sintáticos e; o extralinguístico, que engloba duas dimensões: a interfalante, que consiste de uma variação social, compreendendo a classe social, a idade e a rede social do falante e; a dimensão do intrafalante que consiste de uma variação estilística, considerando fatores mais subjetivos do falante como a atenção dada a fala, ao ouvinte, ao tópico.

Para análise da variação estilística de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, foram identificados a multifuncionalidade desses marcadores discursivos de base interacional nas interações, a frequência de uso desses marcadores em relação ao sexo/gênero, os aspectos relacionados à alternância de fala e traços de identidade, a distribuição de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** quanto ao grau de proximidade/distanciamento entre falantes e, por fim, as projeções dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** no processo de acomodação linguística e à luz da *Audience Design*.

Quanto aos aspectos multifuncionais de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, as investigações indicaram que esses marcadores discursivos interacionais têm propriedades funcionais para articular informações e/ou tópicos, demonstrar o acompanhamento/monitoramento do ouvinte em relação ao falante, convergir a atenção do falante e/ou do ouvinte para um foco na informação dada, introduzir um tópico discursivo, entregar ou alternar o turno, interromper a informação para mudar, ou alternar o tópico discursivo e, finalizar o argumento.

Uma análise distributiva de frequência de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** por tipo de interação quanto às variáveis sexo/gênero também foi realizada e os resultados sugerem que o marcador discursivo interacional **entendeu?** está fortemente relacionado à variável sexo/gênero, sendo possível observar que tanto nas interações com falantes do mesmo sexo/gênero (simétricas) como nas interações entre falantes de sexo/gênero diferentes

(assimétricas) parecem ser contextos mais propícios ao uso desse marcador discursivo de base interacional. Entretanto, os marcadores **sabe?** e **viu?** apresentaram frequências de uso distintas.

A segunda maior preferência foi **sabe?** em interações que envolveram falantes do sexo feminino. Esse resultado sugere que, quando a interação ocorre tanto entre mulheres (FF) como entre mulheres e homens (FM e MF), os homens tendem a acomodar sua fala para se aproximarem do seu ouvinte e/ou alternarem seu estilo de fala para obter a aprovação dos participantes da interação.

É possível um contraste de **sabe?** com o resultado conferido pelo uso de **viu?**, que apresentou representatividade maior quando a interação foi somente entre homens (MM). Nas interações MM, os homens preferiram, entre eles, o uso do marcador discursivo interacional **viu?** e esse resultado sugere um processo de acomodação linguística com indícios de reconhecimento do falante como membro de um grupo específico.

Análises de frequências foram realizadas para observar os contextos de emergência dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** e os efeitos da acomodação linguística na fala dos adolescentes escolares. As distribuições por tipo de sequência discursiva e por tipo de tópico discursivo foram correlacionadas para observar o comportamento de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na variação estilística desses itens linguísticos.

Essa fase de análise das ocorrências desses marcadores discursivos interacionais da amostra de dados foi essencial para observar como e por que – tipo de sequência discursiva x tipo de tópico discursivo – os falantes ajustam sua fala. Pelos resultados, a relação entre a sequência discursiva e o tópico discursivo tem influência sobre as expectativas do falante que são projetadas na fala, devido ao tipo de sequência utilizado, aos temas abordados nos tópicos e à relação falante/ouvinte, resultando nas alternâncias de usos de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**.

A relação entre uso dos marcadores discursivos interacionais **sabe?** e **viu?** e o grau de proximidade/distanciamento dos falantes corresponde com o uso desses marcadores discursivos interacionais por públicos de laços de amizade fortes e pode ser associada a traços linguísticos de grupos sociais particulares, como indícios de identidade intergruppal e relacionada à acomodação da fala, cujos efeitos são atribuídos à convergência linguística que se processa em associação com as percepções do ouvinte, do falante e das relações falante/ouvinte.

Por fim, as análises das projeções de **entendeu?**, **sabe?** e **viu?** na relação entre as ocorrências e o conjunto de interações indicam particularidades subjacentes que podem determinar a convergência ou divergência da fala, tais como, o tópico discursivo, a relação

sexo/gênero, os tipos de sequência discursiva, o tópico e as funções de cada marcador discursivo interacional aqui analisado, além do grau de proximidade/distanciamento entre os falantes nas redes de interações.

Por focar em uma análise de alternância de fala em contexto de interação, foi possível observar que os falantes alternam sua fala para adaptar-se às características dos ouvintes e, as variações de estilo são influências do, ou influenciam o ouvinte que converge ou diverge na interação, de acordo com os objetivos, as atitudes e as crenças do falante/ouvinte.

Ao convergirem ou divergirem sua fala em projeção ao seu ouvinte, os falantes podem tanto expor como omitir as diferenças individuais, sociais e linguísticas, através de estratégias discursivas e de suas variações linguísticas. Coupland (2001, p.197) propõe que a variação estilística deve ser visualizada como variação pessoal e que o estilo, em particular, o estilo dialetal, pode ser, portanto, interpretado como um caso especial da apresentação de si mesmo, dentro de determinados contextos, articulando objetivos relacionais e metas de identidade.

Uma reflexão científica acerca dos usos dos marcadores discursivos interacionais **entendeu?**, **sabe?** e **viu?**, considerando frequências de uso desses marcadores discursivos e aspectos da variação estilística e identidade social, sob o viés da acomodação linguística, foi aqui realizada. As investigações compreenderam aspectos multifuncionais desses marcadores discursivos interacionais, a relação social entre os falantes, o compartilhamento do contexto discursivo e a natureza da comunidade de fala.

As contribuições desta pesquisa para com os estudos Sociolinguísticos são pequenas experiências científicas frente ao imenso campo da teoria da acomodação da fala e os estudos linguísticos do português brasileiro. Esta pesquisa apresenta limitações pela iniciativa analítica junto ao campo teórico, lançando para projetos futuros a perspectiva de novos avanços nos estudos sociolinguísticos. Um desafio para desbravar esse campo com elementos linguísticos do português brasileiro foi aqui iniciado, e, acreditando que essa abordagem pôde nos possibilitar uma outra maneira de contemplar como o falante toma atitudes linguísticas frente a seus ouvintes, em que contextos isso ocorre e por que o faz da maneira que faz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Andréia Silva; SANTOS, Kelly Carine dos; FREITAG, Raquel Meister Ko. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados, p.99-116. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-8cap>.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Eds.). **Usage based models of language**. Stanford/California: CSLI Publications, 2000.

BALOCCO, Ana Elizabeth e DORIGO, Carmen Teresa. **Algumas considerações sobre a gramaticalização de *lá, bem e ir***. UFRJ, 1995.

BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.139-169.

BELL, Allan. Language style as audience design. **Language in Society**. Cambridge University Press, v.13, n.2, 1984. p. 145-204.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n.4, 2006. p. 711-33.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. R.(Org.) **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. v.1, p.17-42.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.

COUPLAND, Nikolas. **Style: Language variation and identity: key topics in sociolinguistics**. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2007.

COUPLAND, Nikolas. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.185-210.

COUPLAND, Nikolas. Style-shifting in a Cardiff Work-setting. **Language in society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980, v.9, n.1, p.1-12.

DUBOIS, Sylvie; SANKOFF, David. The Variationist Approach toward Discourse Structural Effects and Sociointeractional Dynamics. In: Schifffrin, D.; Tannen, D.; Hamilton, H.E.;

(Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Massachusetts/Oxford, Blackwell Publishers Inc., 2001. p. 282-303.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. **Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland. CA., 2005. Disponível em: <<http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FISH, S. **Is there a text in this class?** The authority of interpretive communities. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1980.

FREITAG, Raquel M. Ko. **Variação e gramaticalização de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTANA, Cristiane Conceição de; ANDRADE, Thais Regina Conceição de; SOUSA, Valéria Santos. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Görski; GÖRSKI, Edair Maria. (org). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016. p.139-160.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados Falares Sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v.14, n.2, p.156-164, Florianópolis, 2013. <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>>. Acesso em: 17 dez. 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, v.7, n.13, p.1-15, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. **Interdisciplinar: revista de estudos de língua e literatura**, v.4, p. 22-43, 2007b. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais: análise contrastiva entre duas variedades do português falado no Brasil. **Anais do CELSUL 2008**. p.1-14, Porto Alegre, out. 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/1043855-Marcadores-discursivos-interacionais-analise-contrastiva-entre-duas-variedades-do-portugues-falado-no-brasil.html>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico discursivo. In: GÖRSKI, Edair Maria, COELHO, Izete Lehmkuhl, SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs). **Variação estilística: reflexões teórico-**

metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. v.3, p.123-139. (Coleção Linguística.).

FREITAG, Raquel Meister Ko. O uso de ‘tá?’ e ‘certo?’ na fala de Santa Catarina. **Working Papers em Linguística**, v.5, n.1, p.25-41. Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/4786/4102>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados Falares Sergipanos. **Working Papers em Linguística**. p.156-164, Florianópolis, 2013. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>. Acesso em: 05 jan. 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/SE. 21. **Revista do Gelne**, v.10, n.1/2, 2008. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44818120/Revista_do_Gelne_-_Marcadores_discursivos_interacionais.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1470499824&Signature=hCqJrVquktIKKeTioZ%2FpkUZzZXc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMarcadores_discursivos_interacionais_na.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2016.

GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Howard. **Accommodation theory: communication, context and consequence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Görski; GÖRSKI, Edair Maria. (orgs). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 79-100.

GORSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice; FREITAG, Raquel Meister Ko. Restrições de natureza cognitivo-comunicativa: marcação vs. expressividade retórica em fenômenos variáveis. In: Claudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Org.). **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EdUFF, 2008. p. 101-117.

GORSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. Freitag. Marcação e comportamento sociolinguístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis In: VANDRESEN, Paulino. **Variação, mudança e contato linguístico**. Pelotas: Educat, 2005.

GÖRSKI, E. M. *et al.* Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras: FAPERJ, 2003. p. 106-122.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday's introduction to functional grammar**: fourth edition. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. New York: Routledge, 2014.

HYMES, Dell. The interactional of language and social life. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard. (Eds.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishing, 2006 [2003]. p.234-250.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

HOPPER, Paul. The paradigm at the End of the Universe. In: GIACALONE-RAMAT, Anna.; HOPPER, Paul. (Orgs). **The limits of grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 147-158.

HOPPER, Paul. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1- 2, p.7-35.

JACOBY, Sally & OCHS, Elinor. Co-construction: an introduction. In: **Research on language and social interaction**. Laurence Erlbaum Associates, 1995. p. 171-183.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard. (Eds.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishing, 2006 [2003]. p. 234-250.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.85-108.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Massachusetts/Oxford: Blackwell Publishing, 1999 [1995, 1994].

LEISER, R. G. Improving natural language understanding by modelling human dialogue. **Proceedings of the 5th. Annual ESPIT Conference**, Brussels: Putting the technology to use. Amsterdam: North Holland, 1988. p. 649-58.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **Indivíduo, sociedade e língua: cara, tipo assim, fala sério!** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de 'assim'. **Estudos linguísticos XXXV**. São Paulo, p.1772-1779, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/375.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2014.

LOPES-DAMASIO, Lúcia Regiane. **Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização**. 2011. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/100107>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

LOPES-DAMASIO, Lúcia Regiane. **A emergência do marcador discursivo assim sob a óptica da gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivização**. 2008. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual Paulista, Instituto

de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86593>> Acesso em: 06 ago. 2016.

MACEDO, Alzira; SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson R.(Org.). **Funcionalismo linguístico: Novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. v.1, p. 87-106.

MARTELOTTA, Mário E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário E. (Orgs.). **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004. p. 82-136.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; LEITÃO, Márcio. Igualdades e diferenças nos marcadores discursivos *sabe?* e *entendeu?*. In: **Artigos produzidos pelo grupo discurso & gramática sobre gramaticalização no português do Brasil**. UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; NASCIMENTO, Enrico; COSTA, Silvia. Gramaticalização e discursivização de assim. In; MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MENDONÇA, Josilene de Jesus. **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez**. 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. Disponível em: <<https://bdtd.ufs.br/handle/tede/3039>>. Acesso em: 05 out. 2016.

MENDONÇA, Josilene de Jesus; FREITAG, Raquel Meister Ko. Primeira pessoal do plural com referência genérica e a polidez linguística. **Soletras – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ**. n.31, p.39-57, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/22491/17970>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing sociolinguistics**. London/New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2006.

NASCIMENTO, Jaqueline dos Santos; MENDONÇA, Josilene de Jesus; AGUIAR, Débora Reis; SILVA, Leilane Ramos da. Constituição de amostras sociolinguísticas e o controle de variáveis pragmáticas. p.101-112 . In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Görski; GÖRSKI, Edair Maria. (org). **Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos**. São Paulo: Blucher, 2016.

GUY, Gregory; HORVATH, Barbara, VONWILLER, Julia; DAISLEY, Elaine; ROGERS, Inge. An intonational change in progress in Australian English. In: **Language in society**. n.15, v.1, p. 23-51, 1986.

NYSTRAND, M. **The structure of written communication**: studies in reciprocity between writers and readers. Orlando: FL: Academic Press, 1986.

PRINCE, E. F. Accommodation theory and dialect shift: A case study from Yiddish. **Language and Communication**, 1988. p.307-20.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**. Os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira, 4.ed. rev. e mod. São Paulo: Cultrix, 1982.

RAFOTH, B. A., RUBIN, D. L. (Eds). **The social construction of written communication**. Norwood, NJ: Ablex, 1987.

RECUERO. Raquel. **Redes sociais na internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICKFORD, John R; ECKERT, Penelope (Eds.). Introduction. In: **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.1-18.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *Bom, Bem, Olha, Ah*, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do português falado**. 2ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999. Vol. VII.

RISSO, Mercedes Sanfelice. O articulador discursivo “Então”. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). **Gramática do português falado**. 2ª ed. rev. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002. Vol. IV.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. 2ª ed. rev. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002. Vol. VI.

ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais. **Interdisciplinar**. v.6, n.6, p.109-130, 2008. Disponível em:<http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_6/INTER6_Pg_109_130.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning and context. In: Schiffrin, D.; Tannen, D.; Hamilton, H.E.; (Eds.). **The handbook of discourse analysis**. Massachusetts/Oxford, Blackwell Publishers Inc., 2001. p. 54-75.

SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to discourse**. Cambridge University Press, 1994.

SILVA, Gisele Machline de O e. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do português falado**. 2ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999. Vol. VII.

SCHOKKIN, Gerda H. **'Ja toch?' On the role of discourse markers and other linguistic means in the construction of identity by adolescents from Amsterdam**. MA. James Cook University, Cairns, Australia, 2009. Disponível em : < https://www.academia.edu/9376906/Ja_toch_On_the_role_of_discourse_markers_and_other_linguistic_means_in_the_construction_of_identity_by_adolescents_from_Amsterdam>. Acesso em 12 de nov. de 2016.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. Os usos de 'assim' no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 39(1): p.73-88, mai.-ago. 2010. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_06.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2016.

SOUZA, Gládisson Garcia Aragão. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: < <https://bdtd.ufs.br/handle/tede/3014>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já e aí* no português brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. 2009. 273 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2009. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000447927>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

TAJFEL, Henri.; TURNER, John C. The social identity theory of intergroup behavior. In: WORCHEL, Stephen; AUSTIN, William G. (Eds.). **Psychology of intergroup relations**. Chicago, IL.: Nelson-Hall, 1986. p. 7-24.

TOMASELLO, Michael (Ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2003a, v.2.

TOMASELLO, Michael (Ed.). **Constructing a language**: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge/London: Harvard University Press, 2003b.

TOMASELLO, Michael (Ed.). **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998, v.1.

TRAPP, K. **Os marcadores discursivos *sabe? e entende?* na fala de informantes do município de Chapecó/SC**. 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Santa Catarina. Disponível em: < http://www.uffs.edu.br/images/proppg/_KELLY_TRAPP.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2016.

THAKERAR, J. N.; GILES, H.; SCHERER J. Psychological and linguistic parameters of speech accommodation theory. In: FRASER, C; Scherer, K. R. (Eds.). **Advances in the social psychology of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 205-255.

TRUDGILL, Peter. Acts of conflicting identity: The sociolinguistics of British pop-song pronunciation. In: TRUDGILL, P. (ed.). **On dialect**. Oxford: Basil Blackwell, 1983. 141-160

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Gramática do português falado**. 2ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999. Vol. VII.

VALLE, Carla Regina Martins. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. **Working Papers em Linguística**, n.4, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/4718/3958>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

VALLE, Carla Regina Martins. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição**. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

VALLE, Carla Regina Martins. **Sabe? ~ Não tem? ~ Entende?**: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. 2001. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.

VINCENT, Diane; VOTRE, Sebastião; LAFOREST, Marty. Grammaticalisation et postgrammaticalisation. In: **Langues et Linguistique**, n. 19, 1993.

VINE, Bernadette; MARSDEN, Sharon. **Eh at work**: the indexicality of a New Zealand English pragmatic marker. De Gruyter Mouton. *Intercultural Pragmatics*, 2016. 13(3): 383–405. doi: 10.1515/ip-2016-0016.

VOTRE, S. Gramaticalização de *achar*. **Caderno de Sociolinguística Aplicada**. São Paulo: PUC-SP, 1993.

WATT, Dominic, LLAMAS, Carmen, JOHNSON Daniel Ezra. Levels of Linguistic Accommodation across a National Border. **Journal of English Linguistics**. September, 2010 v.38, n.3, p.270-289. doi: 10.1177/0075424210373039.

YAEGER-DROR, M. The influence of changing vitality on convergence toward a dominant linguistic norm: An Israeli example. **Language and communication**, v.8, n.314, 1988. p. 285-305. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.473.8163&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.